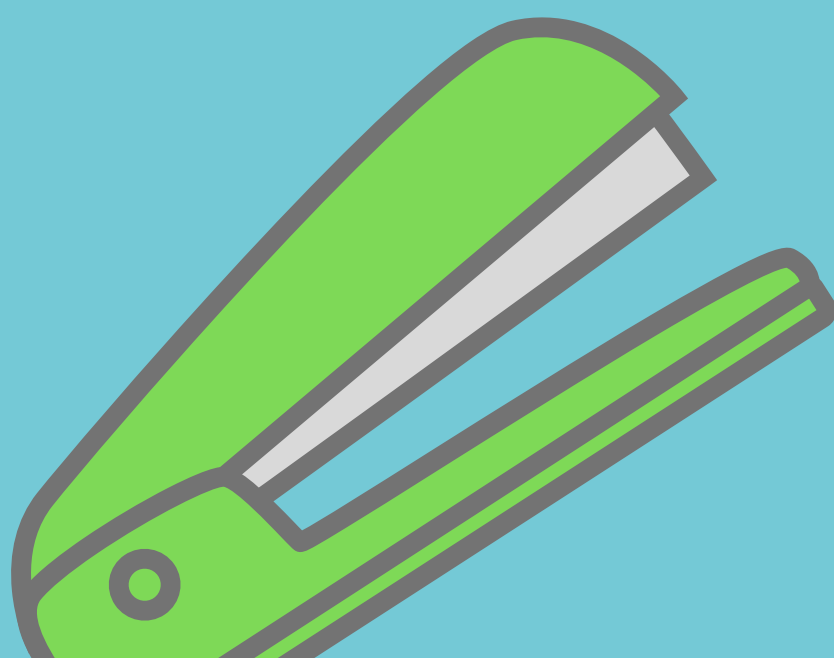
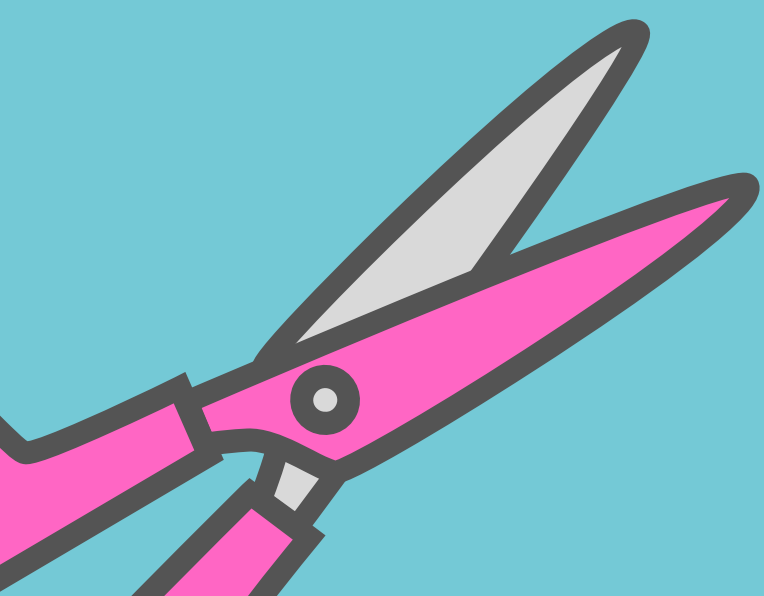
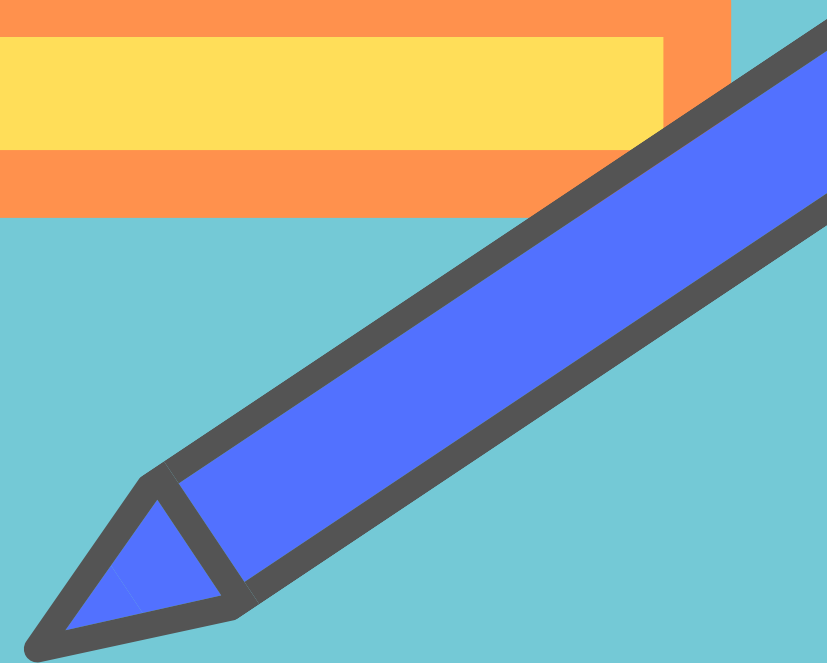
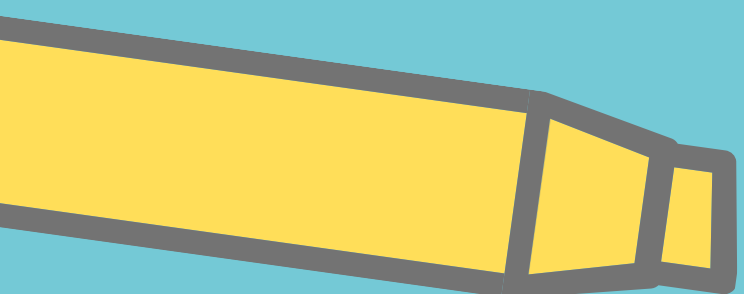


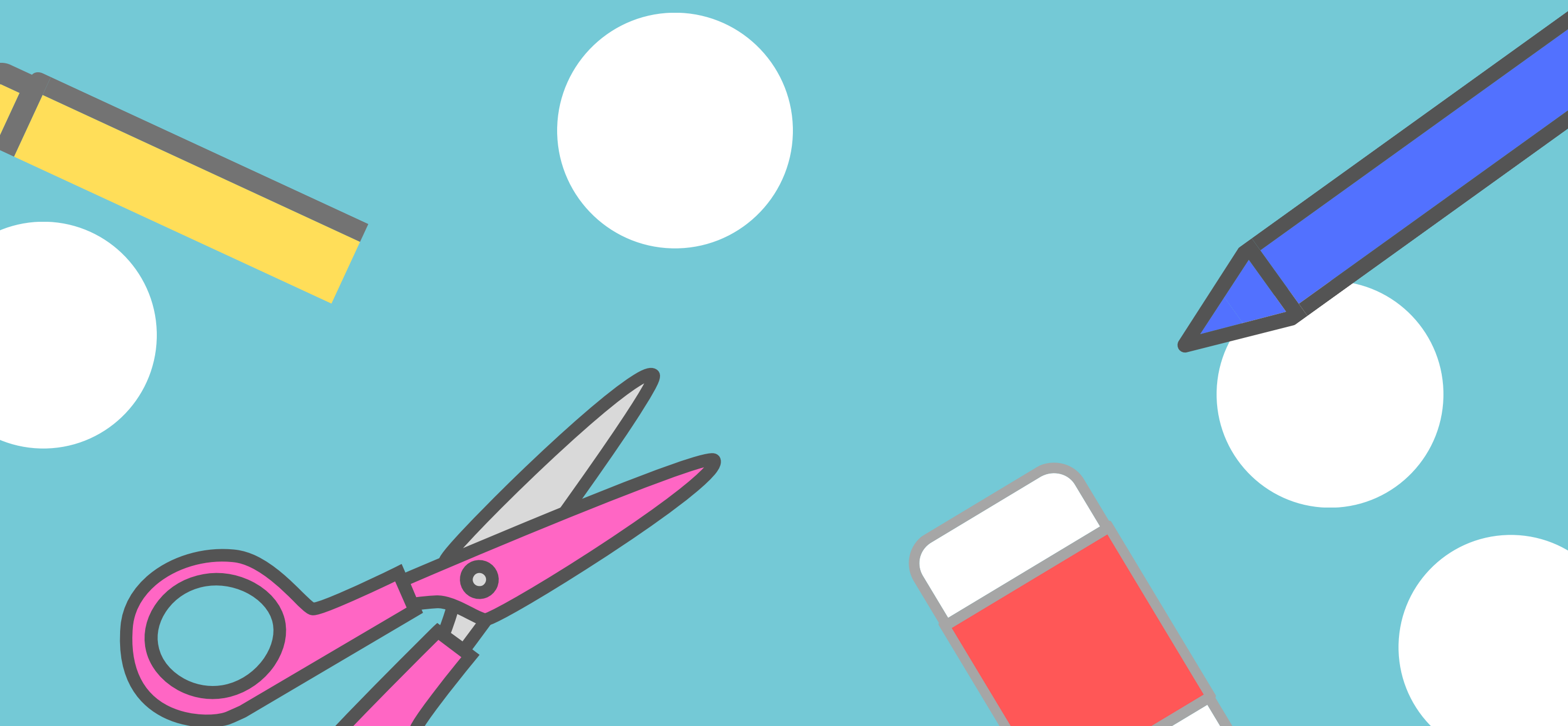
PRODUÇÃO DE MATERIAL PEDAGÓGICO PARA CURRÍCULO ADAPTADO



Profª. Ms Kelly Cristina Felix Gonçalves Grandi

Sumário

- Carta para professor03
- O papel da escola na inclusão do aluno04
- Identificação das necessidades do aluno com deficiência05
- Algumas informações que podem contribuir com a sua prática06
- Diferenciando a deficiência, incapacidade e desvantagem06
- Conhecendo um pouco mais07
- Adaptações como garantia do acesso ao currículo ..15
- Algumas orientações ao professor17
- Como sensibilizar alunos para lidar com a diferença18
- Algumas indicações de jogos pedagógicos20
- Algumas indicações de livros literários para trabalhar a temática da inclusão com os alunos26
- Para aprofundar o tema30
- Referências32



Cara professora,

Este material foi produzido para o curso “Produção de Material Pedagógico para o Currículo Adaptado”. Ele tem por objetivo sistematizar as informações apresentadas e discutidas no curso no intuito de ser um material de apoio e na busca por informações práticas que atendam o cotidiano do professor que atua com alunos em sistema de inclusão, com as crianças deficientes.

Nele apresento também algumas orientações quanto às deficiências, suas definições, características e algumas recomendações que podem proporcionar o melhor desenvolvimento para as crianças em suas diferentes aprendizagens.

Espero que este material possa contribuir com você e com todos os profissionais que buscam por uma educação mais igualitária para todos.



O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DO ALUNO

A inclusão de alunos com deficiência, que apresentam necessidades educacionais especiais no ensino regular, trouxe à luz uma discussão sobre a prática pedagógica tradicional, que no âmbito curricular, é evidenciada por propostas rígidas e homogeneizadoras, desconsiderando os diversos contextos nos quais ocorrem os processos de ensino e aprendizagem. Como consequência, revela-se uma alta ocorrência de alunos com acentuadas dificuldades de aprendizagem, um número relevante de repetências, deflagrando o fracasso escolar. Neste contexto, o movimento para a inclusão escolar revelou o quão excludente pode ser a educação, com seus métodos tradicionais. Dessa forma, torna-se indispensável repensar o papel da escola como instituição que considera as especificidades de cada aluno com vistas a proporcionar uma qualidade de ensino para todos e para cada um.

Segundo Perrenoud (2001) grande parte das estratégias de ensino utilizadas pelo professor precisam atender as características dos alunos.

Torna-se primordial o entendimento da escola sobre o seu papel diante da nova demanda que surge a partir da inserção dos alunos na classe regular. Diante desse novo cenário você professor, já refletiu sobre como as suas concepções podem influenciar no processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos?

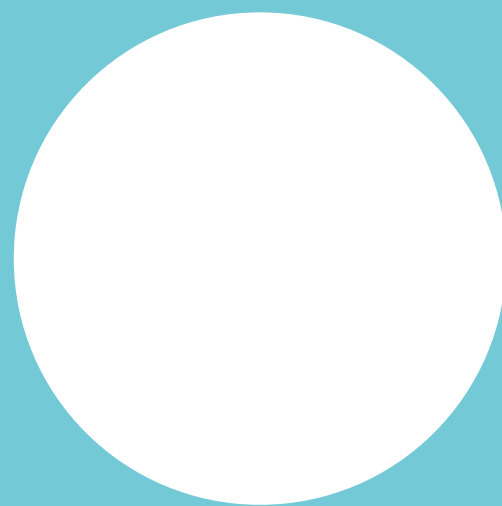
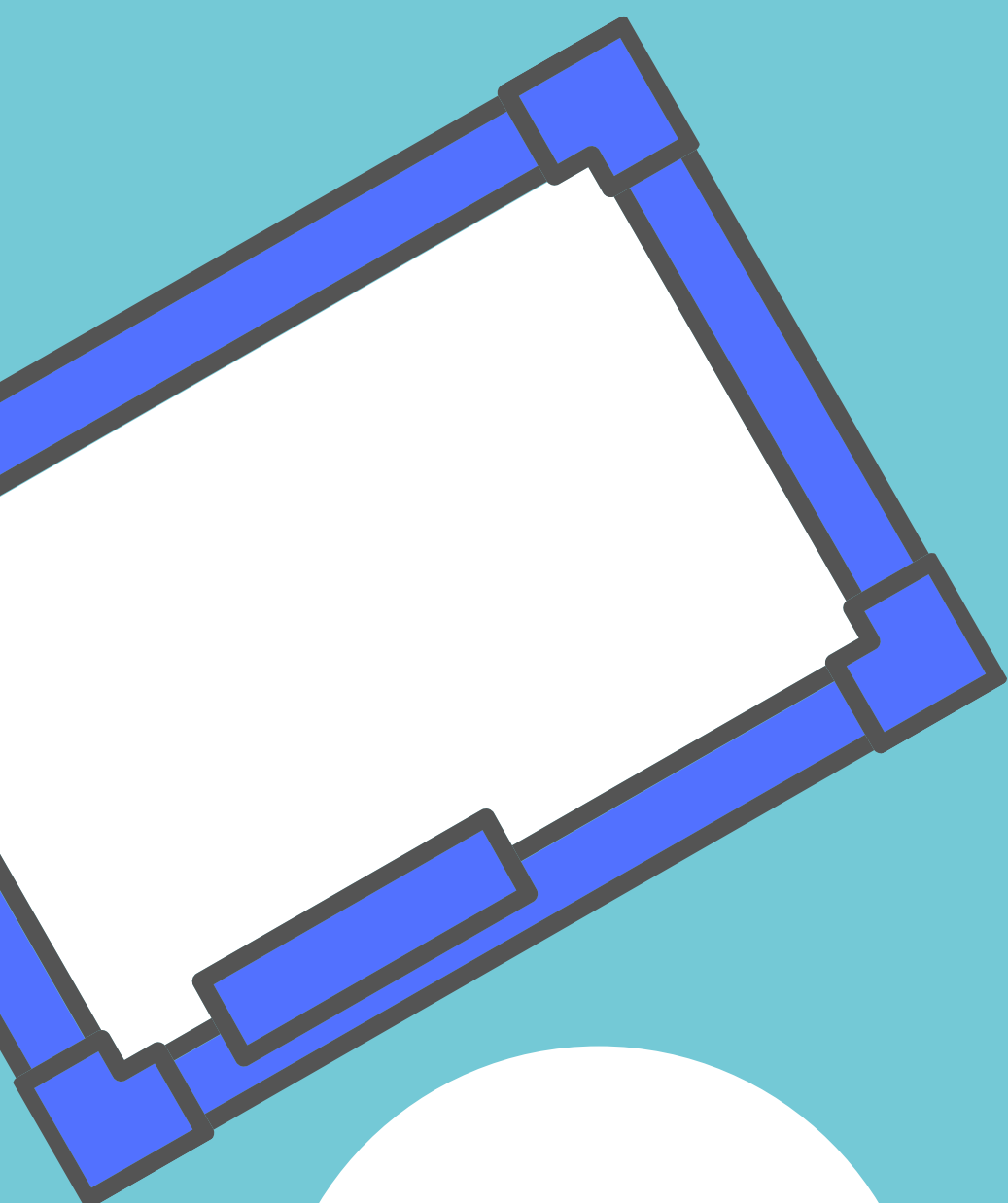
IDENTIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA

“[...] conhecer bem os alunos implica interação e comunicação intensas com eles, uma observação constante de seus processos e aprendizagem e uma revisão da resposta educativa que lhes é oferecida. Esse conhecimento é um processo contínuo, que não se esgota no momento inicial de elaborar a programação anual” (BLANCO, 2004, p. 296).

É importante conhecer as possibilidades de aprendizagem dos alunos com deficiência, os fatores que favorecem e as barreiras que as impedem. Assim é possível planejar intervenções pedagógicas e realizar os devidos ajustes.

Além do conhecimento que é próprio do professor para que sejam realizados os ajustes necessários, conhecer as deficiências dos alunos pode contribuir para um planejamento mais específico que atenda verdadeiramente as suas necessidades.

O ambiente escolar e as atividades propostas devem estimular a emancipação dos alunos, dando-lhes possibilidades para pensar, realizar tarefas e fazer escolhas.



Algumas informações que podem contribuir com a sua prática

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Diferenciando a deficiência, incapacidade e desvantagem.

A deficiência é conceituada como a repercussão imediata da doença sobre o corpo, impondo uma alteração estrutural ou funcional ao nível tecidual ou orgânico.

A incapacidade é a redução ou falta de capacidade de realizar uma atividade num padrão considerado normal para o ser humano, em decorrência de uma deficiência.

A desvantagem representa um impedimento resultante de uma deficiência ou incapacidade, que lhe limita ou lhe impede o desempenho de uma atividade considerada normal, tendo em atenção a idade, o sexo e os fatores sócios culturais para o indivíduo.



Para refletir:

Como você observa os alunos no contexto escolar? As deficiências apresentadas são acentuadas pelas atividades que podem incapacita-los de realizá-las? O que pode ser feito para minimizar alguma desvantagem na realização das atividades cotidianas escolares?

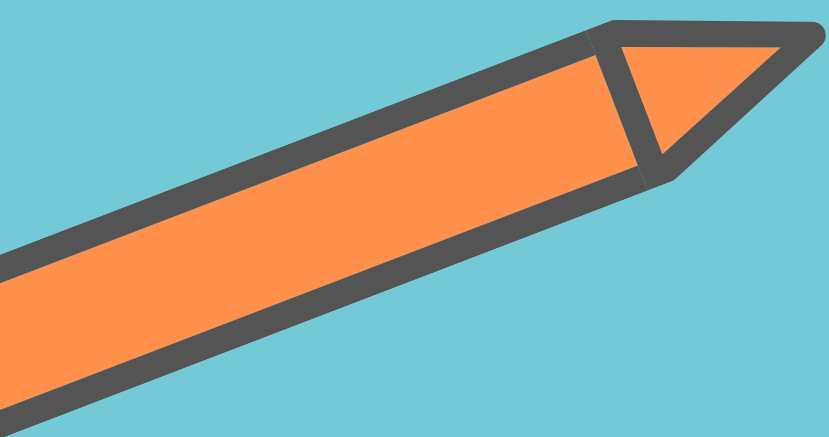
Conhecendo um pouco mais

Deficiência física

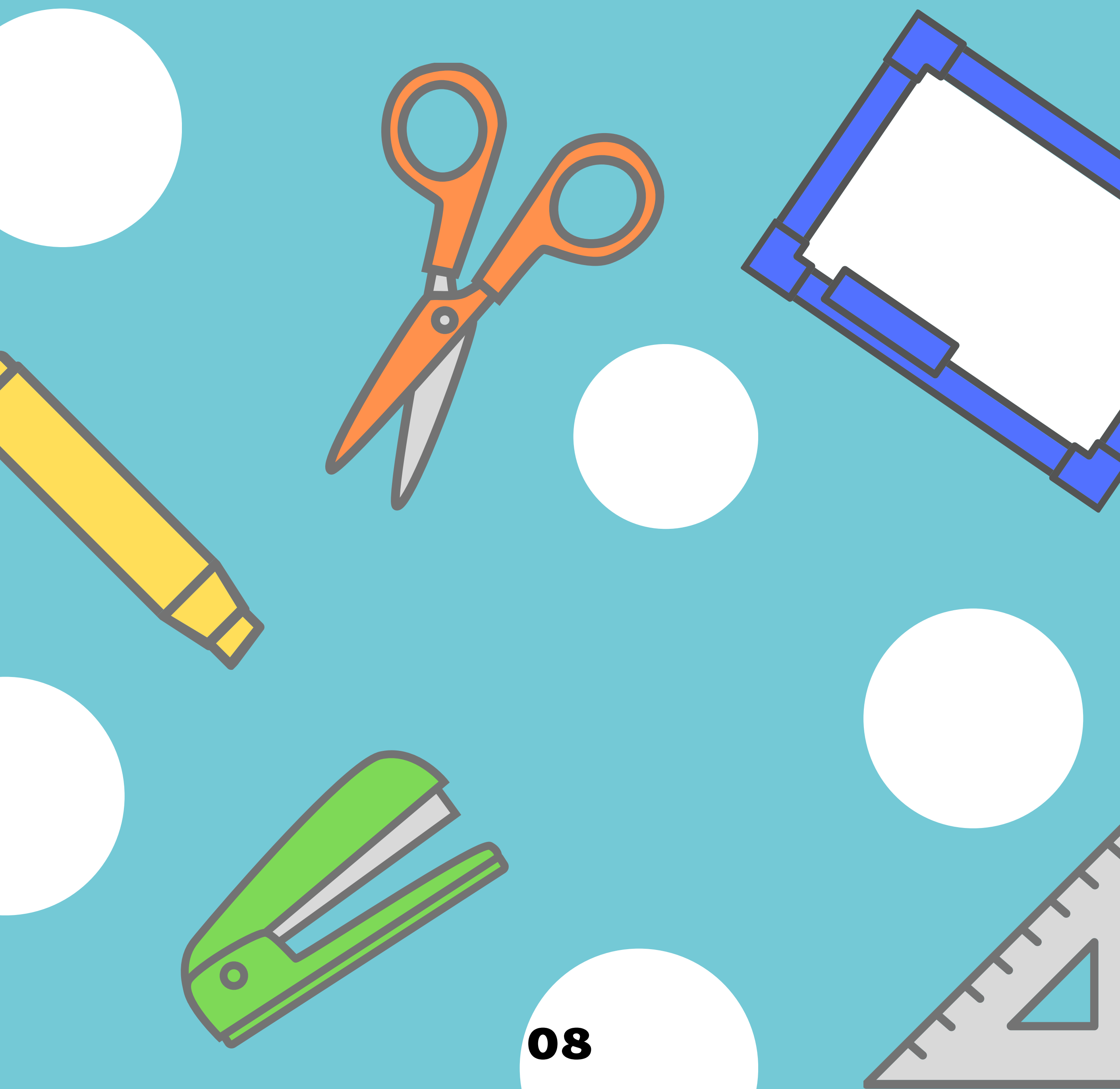
Definição: alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

São diversas condições que comprometem a mobilidade, a coordenação motora geral, tanto nos membros como na fala. Pode ser causada por lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas, má-formação congênita ou por condições adquiridas, que exige dos professores cuidados específicos em sala de aula.

Características: dificuldades no grafismo em função de um comprometimento motor. Muitas vezes o aprendizado é mais lento, com exceção na alteração da motricidade oral, a linguagem é adquirida sem problemas .



Recomendações: O espaço escolar precisa estar adaptado para receber esta criança com rampas e elevadores, portas com largura que atendam as normas específicas para a passagem da cadeira de rodas e banheiro adaptado. O professor precisa estar atento às necessidades dos alunos na questão de ir ao banheiro, é indispensável que seja solicitado um funcionário para acompanhá-los.



Paralisia Cerebral

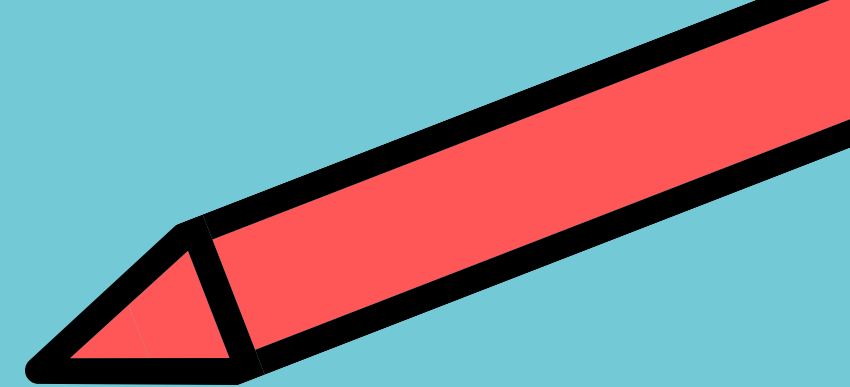
Definição: A paralisia cerebral se refere a um grupo de sintomas que engloba dificuldade de movimentação e rigidez muscular (espasticidade). Ela resulta de malformações cerebrais que ocorrem antes do nascimento durante a época em que o cérebro está se desenvolvendo ou de danos cerebrais que ocorrem antes, durante ou logo após o nascimento.

Algumas crianças com paralisia cerebral também têm deficiência intelectual, problemas comportamentais, dificuldade para ver ou ouvir e/ou transtornos convulsivos.

Características: uma das principais é contratura muscular, uma perda na contenção muscular que causa tensão, incluindo dificuldades para andar, na coordenação motora, no equilíbrio e na força, podendo também afetar a fala.

Recomendações: É ideal envolvê-lo em atividades, para contornar as restrições com coordenação motora, trabalhar com lápis e canetas mais grossas, com uma espuma em volta, presa com elásticos, para facilitar o manuseio. Se o aluno não falar, estabeleça uma comunicação alternativa, que pode ser feita com papel cartão ou cartolina, onde são colocadas figuras pequenas que servem como meio de comunicação, pode ser figuras de futebol, da família, ou palavras-chave como sim, não, fome, sede, entre outras. É o canal de comunicação entre o aluno e o professor.

Deficiência Visual



Definição: Condição apresentada para os quem têm baixa visão, entre 40 e 60%, ou até mesmo cegueira (resíduo mínimo da visão ou perda total) que leva à necessidade de usar o Braille para ler e escrever.

Características: A perda da visão, no geral, é causada por duas doenças congênitas: glaucoma (pressão intraocular que causa lesões irreversíveis no nervo ótico) e catarata (opacidade no cristalino). Em muitos casos, as doenças são confundidas com uma ametropia (miopia, hipermetropia ou astigmatismo), podendo ser corrigida pelo uso de lentes de contato, o que permite o retorno total da visão. A catarata também pode ser corrigida, mas somente com cirurgia.

Recomendações: Se o aluno não percebe alguns tipos de expressões faciais, lide com ele de maneira perceptiva, alterando, por exemplo, o tom da voz. A atenção deve ser redobrada quando o assunto é mobilidade e orientação, sendo preciso identificar os degraus com contrastes (faixas amarelas ou barbantes), os obstáculos como pisos com alturas diferentes, e principalmente os vãos livres com desníveis. A sinalização de marcos é importante, como tabuletas indicando cada sala e espaço, feitas também em braile.

Deficiência auditiva

Definição: causada por má-formação na orelha, no conduto (cavidade que leva ao tímpano), nos ossos dos ouvidos ou ainda por uma lesão neurossensorial no nervo auditivo ou na cóclea (parte do ouvido responsável pelas terminações nervosas). De origem genética ou pode ser provocada por doenças infecciosas, como a rubéola e a meningite. Pode ser também temporária, causada pela otite.

Características: Podendo ser leve, moderada, severa ou profunda. E quanto mais aguda mais difícil é o desenvolvimento da linguagem e somente um exame é capaz de identificar o grau da lesão.

Recomendações: Existem duas formas do aluno com deficiência auditiva desenvolver a linguagem. Uma delas é usando o aparelho auditivo e passar por um acompanhamento terapêutico, familiar e escolar. Outra maneira é aprender a língua brasileira de sinais (Libras).

Deficiência múltipla

Definição: quando ocorre duas ou mais deficiências: autismo e síndrome de Down; uma intelectual com outra física; uma intelectual uma visual ou auditiva. Uma das mais comuns em sala de aula é surdo-cegueira.

Surdo cegueira

Definição: As causas são de doenças infecciosas, como rubéola, toxoplasmose, e citomegalovírus (doença da mesma família do herpes) causando perdas auditivas e visuais simultâneas e em graus variados. A diferença de um cego ou surdo para um surdo-cego é que o mesmo não tem consciência da linguagem e, no entanto não aprende a se comunicar de imediato.

Características: Tem problemas de comunicação e mobilidade. O surdo-cego pode apresentar dois comportamentos diferentes: isola-se ou é hiperativo.

Recomendações: O professor deve buscar meios que integrem esse estudante aos demais e criar rotinas previsíveis para que ele possa entender o que vai acontecer. Oferecer objetos multissensoriais, facilitando assim a comunicação.

Deficiência Intelectual

Definição: O diagnóstico do que acarreta a deficiência intelectual é muito difícil, engloba fatores genéticos e ambientais. Além disso, as causas são várias e complexas, envolve vários fatores pré, peri e pós-natais. Entre elas a mais comum na escola é a síndrome de down.

Síndrome de Down

Definição: é uma alteração genética caracterizada pela presença de um terceiro cromossomo de número 21. A causa ainda é desconhecida, mais existe um fator de risco já identificado, ele aumenta para mulheres que engravidam com mais de 35 anos.

Características: são sintomas as dificuldades de comunicação e a hipotonia (redução de tônus muscular). Também pode sofrer com problemas na coluna na tireoide, nos olhos e no aparelho digestivo, entre outros, e muitas vezes já nasce com anomalias cardíacas, solucionáveis apenas com cirurgias.

Recomendações: O desempenho melhora quando as instruções são visuais, por isso na sala de aula repita as orientações para que o aluno compreenda. É importante reforçar os comandos, solicitações e tarefas com modelos que eles possam ver e de preferência com grandes e chamativas ilustrações. A linguagem verbal deve ser simples por que uma das dificuldades do aluno com síndrome de down é cumprir regras. Quando se sente isolado do grupo demonstra pouca importância nos seus trabalhos e na rotina escolar, o mesmo adota atitudes reativas, como desinteresse, descumprimento das regras, desinteresse e provocações.

Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)

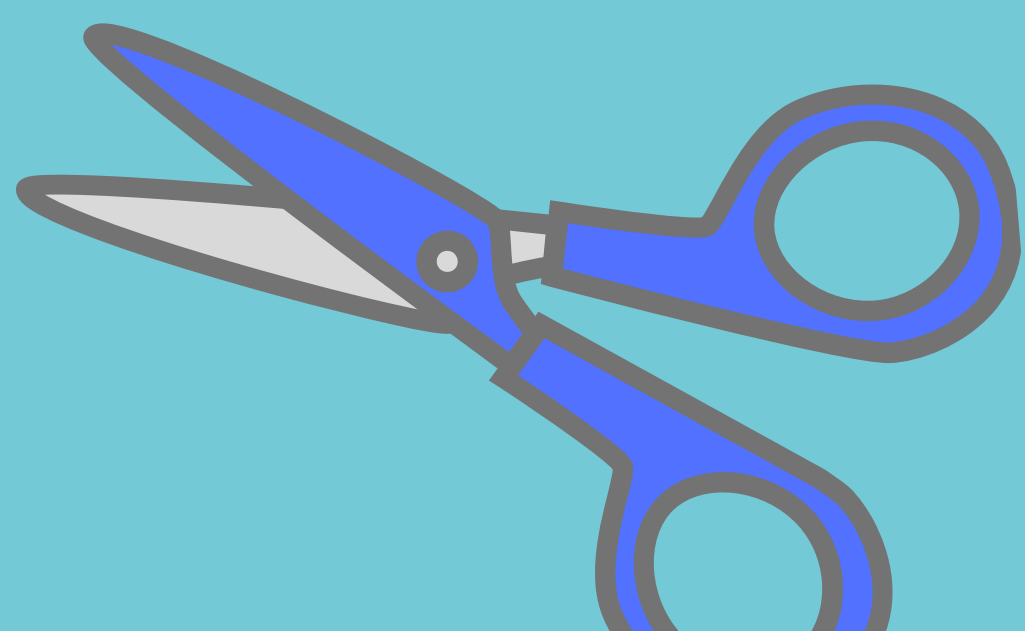
Definição: Geralmente se manifestam nos primeiros cinco anos de vida. São distúrbios nas interações sociais recíprocas como padrões de comunicações estereotipados e repetitivos e estreitamento nos interesses e nas atividades.

Autismo

Definição: São transtornos com influência genética causado por defeitos em partes do cérebro, como o corpo caloso (que faz a comunicação entre os dois hemisférios), a amígdala (que tem funções ligadas ao comportamento social e emocional) e o cerebelo (parte mais anterior dos hemisférios cerebrais, os lobos frontais).

Características: Tem dificuldades na interação social, ou de comportamento (movimentos fixos ou inalterado, como rodar uma caneta ou enfileirar carrinhos) e de comunicação (atraso na fala). Porém alguns têm habilidades especiais e se tornam gênios.

Recomendações: É preciso ter paciência, pois a agressividade pode se manifestar, procure avisar quando a rotina mudar, pois as alterações não são bem vindas, para minimizar a dificuldade de relacionamento, procure criar situações que possibilitem a interação. As instruções devem ser claras evitando discursos longos.



As adaptações como garantia do acesso ao currículo

Quando tomamos conhecimento sobre a condição do aluno com deficiência, passamos a conhecer as necessidades básicas para o seu desenvolvimento. Segue-se então para o passo seguinte: a adaptação do currículo. Promover o acesso ao currículo é dar oportunidade ao aluno para se desenvolver em condições igualitárias.

Vejamos a seguir as seguintes adaptações:

Adaptação dos objetivos

Ao adaptar os objetivos, o professor prioriza para o aluno o que considera mais relevante, sempre observando as especificidades apresentadas pelo aluno com deficiência. Assim, pode escolher um determinado conteúdo em detrimento de outros, flexibilizar o tempo e utilizar estratégias variadas para se chegar ao objetivo traçado.

Adaptação de conteúdos

A partir da definição clara dos objetivos traçados para o aluno, segue-se para a adaptação de conteúdos, ou seja, o momento em que o professor reorganiza a sequência de conteúdos a serem abordados, assim como também pode eliminar ou inserir conteúdos que sejam mais necessários para o aluno.

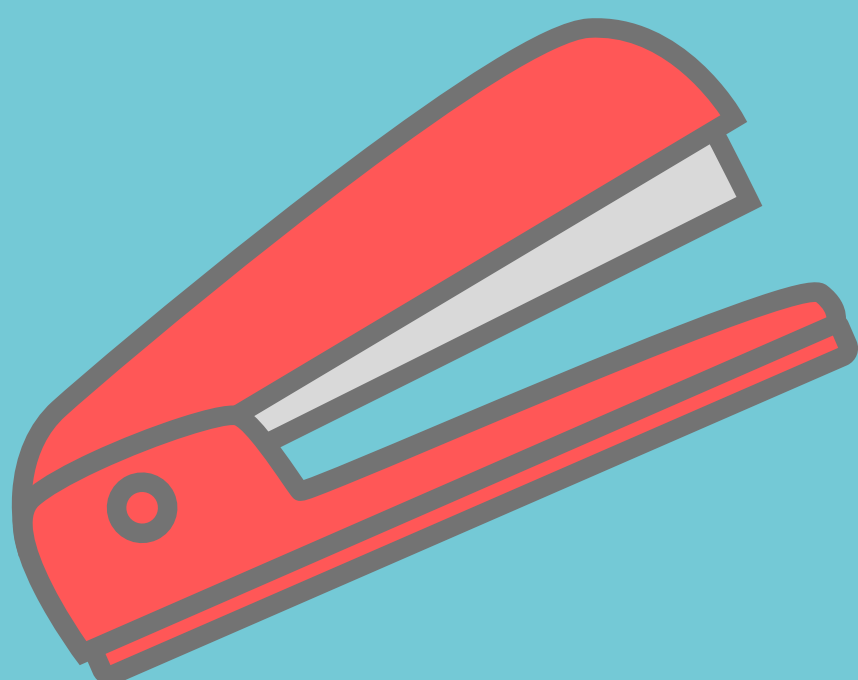
Adaptação dos procedimentos de ensino

Após a escolha dos objetivos, da definição dos conteúdos, segue-se para a adaptação na maneira como serão abordados os conteúdos, sempre levando em consideração os ajustes necessários à compreensão do aluno.

Adaptação do processo de avaliação

Ao fazermos os ajustes necessários à aprendizagem do aluno, segue-se para a adaptação do processo de avaliação. Neste momento é preciso prever se o ajuste deve se referir ao tempo para a realização da avaliação (aumento ou diminuição), aos instrumentos e procedimentos avaliativos.

Para refletir: A maneira como você define os objetivos para o seu aluno, tem atendido o desenvolvimento da aprendizagem dele?



Algumas orientações ao professor

Quando o professor recebe um aluno com deficiência é preciso conhecer algumas de suas características

Independente da existência de um laudo clínico o trabalho do professor requer um conhecimento sobre as características dos alunos com os quais irá trabalhar. Não é possível, de antemão obter todas as informações sobre determinadas deficiências sem antes vivenciar situações em sala de aula que se façam necessárias para o bom planejamento das atividades para atender as necessidades dos alunos. Assim, é importante que o professor conheça não apenas as crianças com deficiências, mas todos os alunos da turma.

O processo da educação inclusiva se dá efetivamente por meio da possibilidade de convivência e aprendizado do professor com os alunos, ou seja, é aprender na prática.

Para ajudar no processo do desenvolvimento acadêmico da criança com deficiência é preciso ter clareza que o conhecimento é construído socialmente e em grupos e, portanto a escola tem papel fundamental neste processo.

Algumas crianças também necessitarão de um atendimento individualizado de modo a complementar o seu desenvolvimento. E este atendimento pode ser realizado em AEE (Atendimento Educacional Especializado) com professor especializado. O objetivo deste espaço de atendimento é oferecer reforço ao currículo que é desenvolvido na sala de aula, em horário complementar, de acordo com a área da deficiência que a criança apresenta.

Como sensibilizar os alunos para lidar com a diferença

Assim como para alguns adultos o contato com pessoas com alguma deficiência pode trazer algum desconforto pelo fato de não saberem como lidar, as crianças também apresentam comportamentos inusitados e que devem ser trabalhados em sala de aula. A curiosidade é uma delas. Portanto, o professor precisa oferecer oportunidades para as crianças conhecerem melhor a criança com deficiência que está sendo inserida na turma.

Uma dica é levar alguns objetos de uso da criança que apresenta alguma deficiência para a sala e deixar que explorem para se familiarizarem com eles.

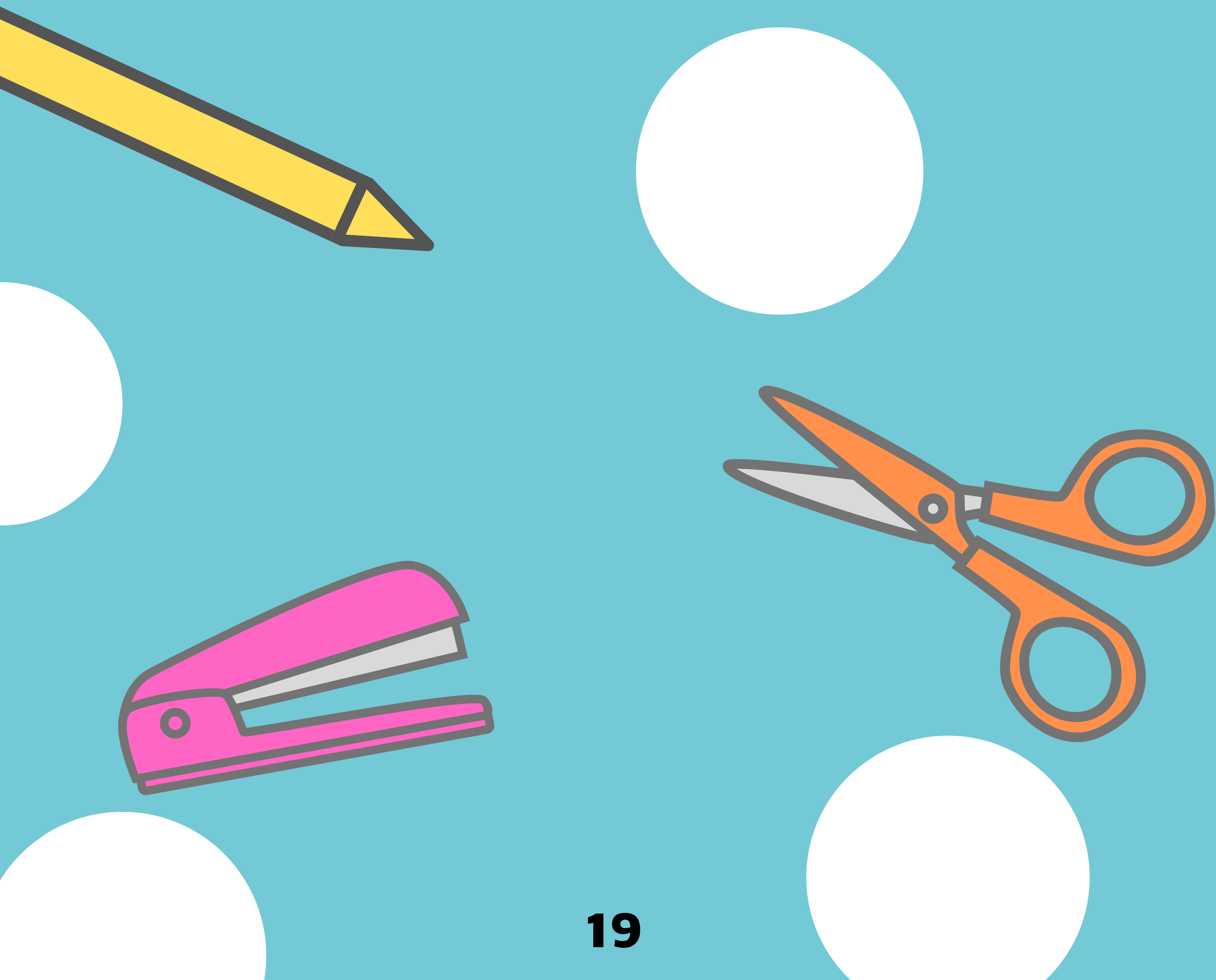
Antes de iniciar qualquer atividade explorar as dúvidas das crianças e mitos que são construídos sobre determinadas deficiências. Colocar o tema em debate para uma conversa aberta sempre traz bons resultados. Uma maneira de fazer isso é criar algumas situações fictícias para que os alunos possam discutir como agiriam em determinadas circunstâncias.

Pode-se iniciar perguntando se a turma conhece alguma pessoa com deficiência, como é a relação com a pessoa, quais sentimentos são despertados no convívio com a pessoa, como seria ter uma criança com deficiência na sala, quais seriam as possibilidades de aprender com ela. O importante é tratar a questão com respeito e naturalidade, intervindo nas falas demasiadas que podem levar a penalização sobre a questão da deficiência.

Algumas atividades como jogos, brincadeiras e dinâmicas podem ajudar a facilitar o entendimento e o convívio entre os alunos numa turma inclusiva. Simulações favorecem a ampliação perceptual do que é viver e conviver com características e consequências das deficiências, além de envolver os alunos nas reflexões sobre o tema.

Utilizar as notícias de jornais, televisão ou redes sociais pode contribuir para a discussão sobre a deficiência e auxilia na compreensão das questões sociais, condições de vida e os problemas que essas pessoas passam na comunidade em que moram.

Convidar alguma pessoa adulta com deficiência para compartilhar o seu cotidiano pode possibilitar as crianças uma visão sobre as condições, possibilidades e insucessos de um modo mais específico.



Algumas indicações de jogos pedagógicos

Quanto sobra?

Este jogo tem como objetivo auxiliar na compreensão da subtração tendo o 10 como base. O aluno com o martelinho bate na quantidade de bolinhas que deve retirar, conforme a ficha indicar e contar as bolinhas que sobraram.



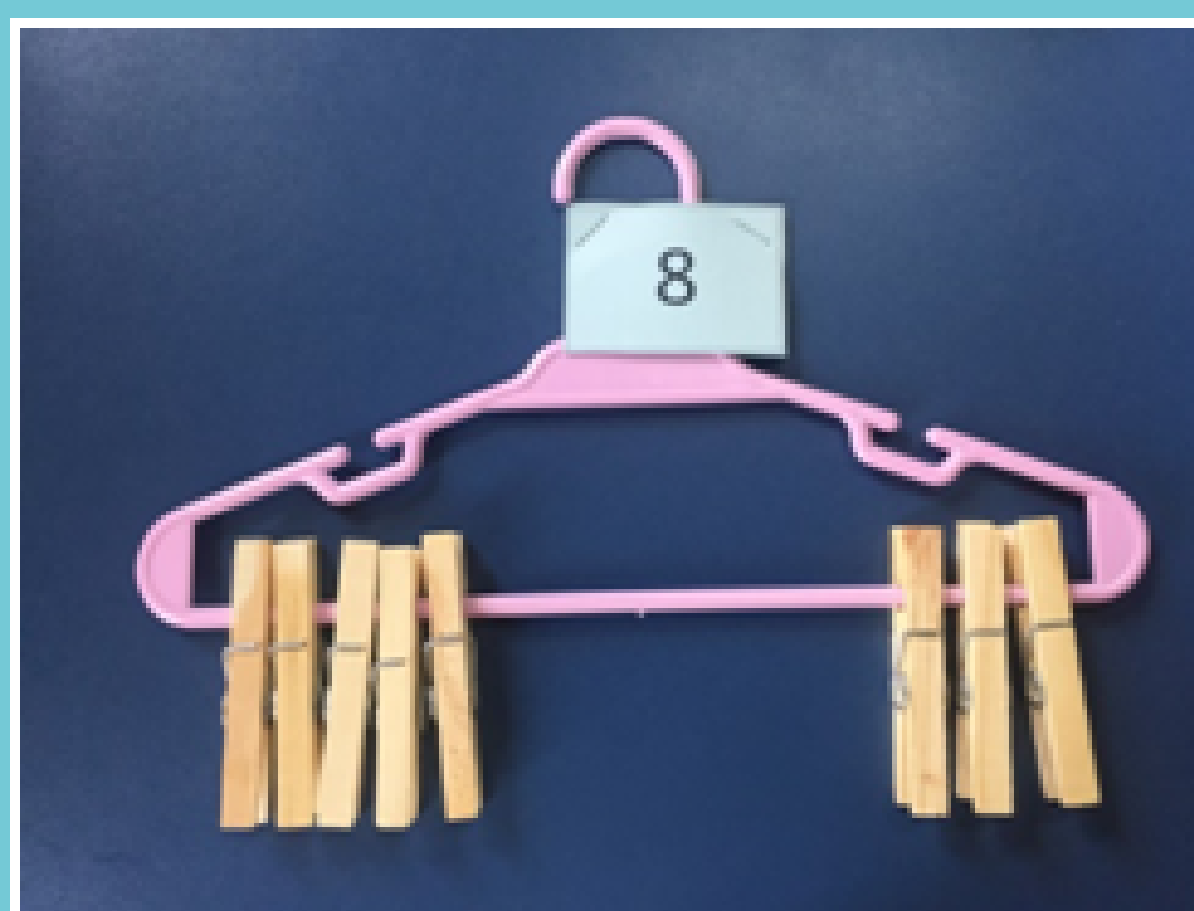
História em cenas

Esta atividade tem por objetivo auxiliar a criança na ordenação dos fatos de uma cena, de acordo com os acontecimentos.



Cabide numérico

O cabide numérico auxilia a criança na percepção que mesmo o número pode ser composto de diversas formas, não alterando o seu valor total.



Qual é a carta?

Este jogo auxilia na atenção da criança, pois estabelece a relação de número, símbolo e cor.



Jogo da relação

Este jogo auxilia no desenvolvimento das estruturas mentais, pois possibilita que a criança relacione cor, forma, coluna e linha. Também auxilia no reconhecimento de cores e formas geométricas.



Prancha de comunicação

Tem por objetivo auxiliar as crianças com dificuldades comunicativas.



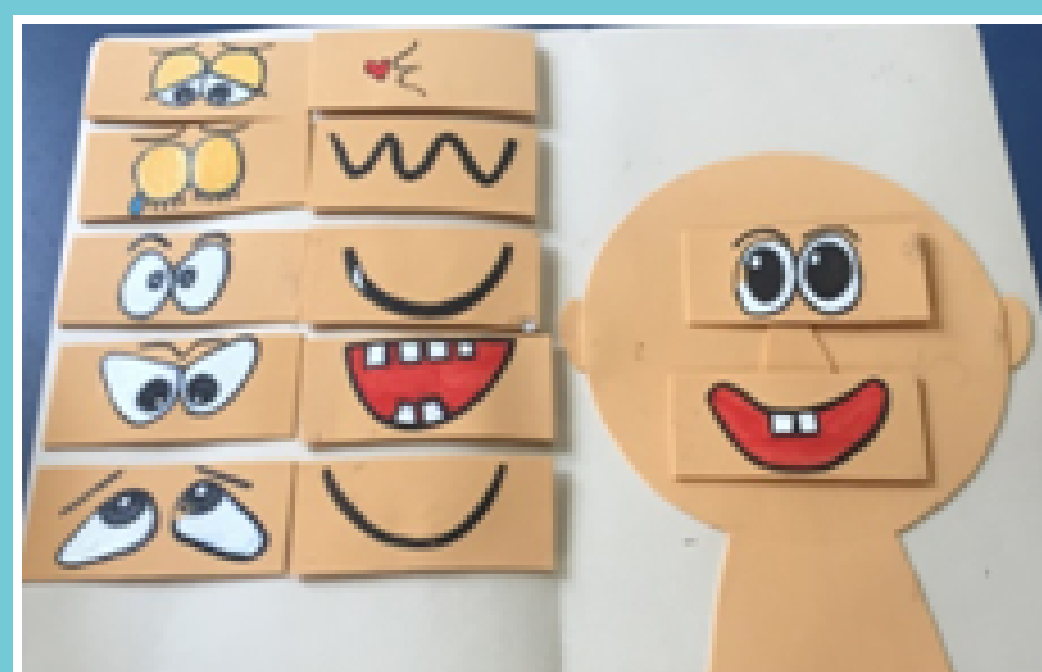
Prancha de comunicação

Auxilia na comunicação com formação de frases ao estabelecer relação com os símbolos.



Como me sinto

Esta atividade auxilia no reconhecimento das próprias emoções das crianças.



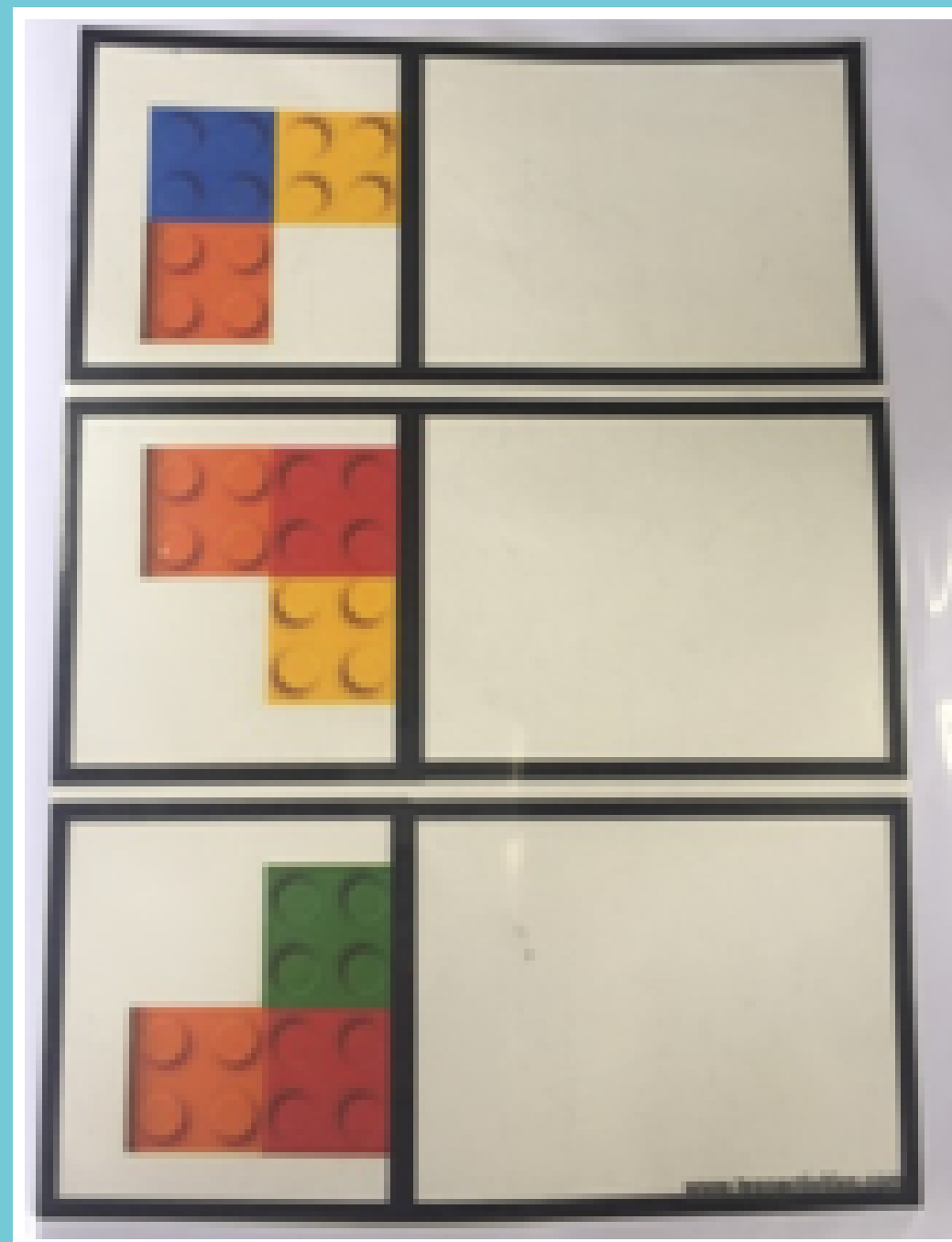
Quantos têm?

Nesta atividade a criança precisa perceber a relação número quantidade e marcar corretamente, utilizando a contagem.



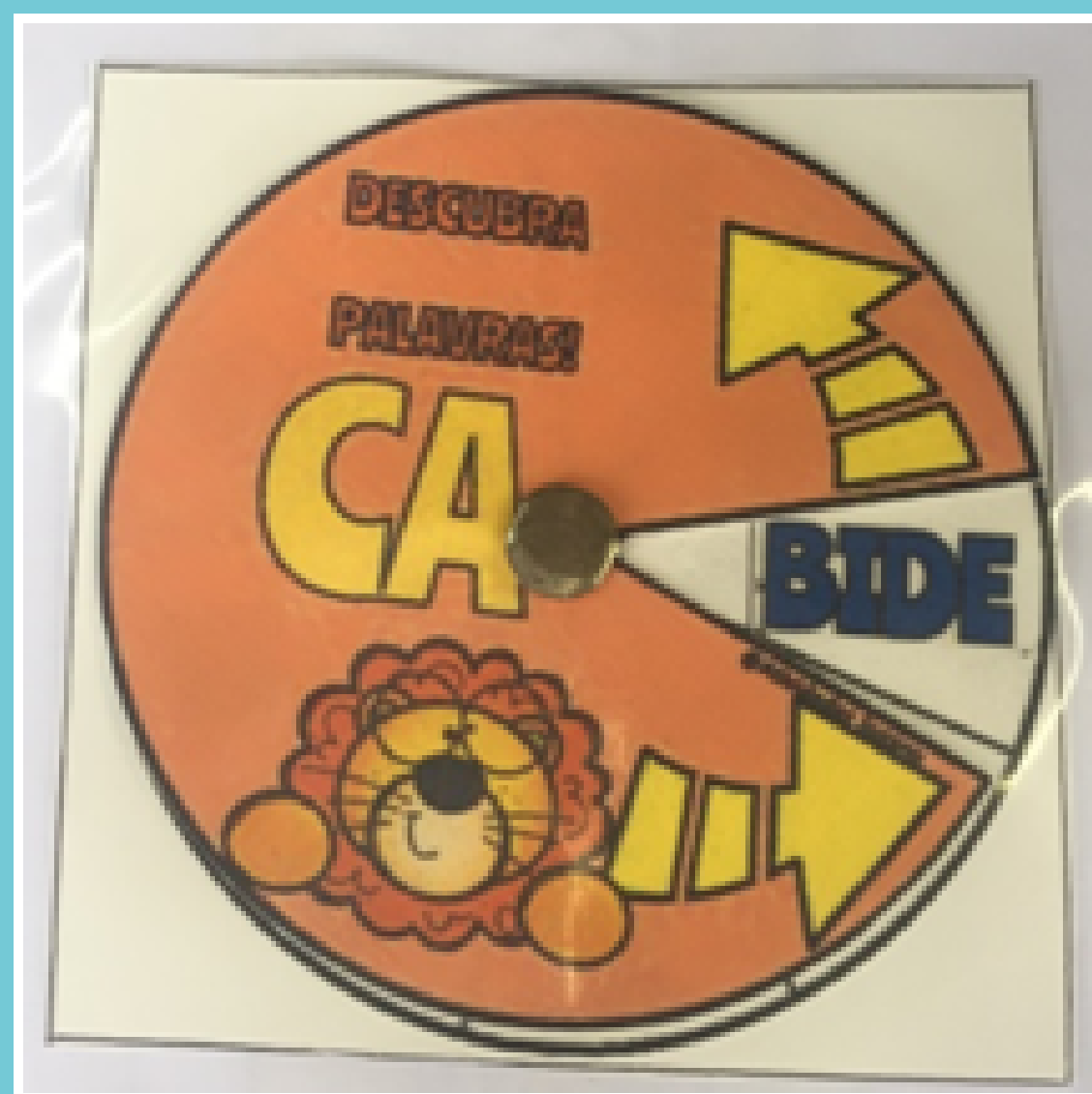
Jogo do espelho

Este jogo tem por objetivo que a criança estabeleça a igualdade ao observar as cores que compõe cada peça e a sua posição e fazê-la da mesma forma. Estimula a observação e atenção.



Descobrimo palavras

Auxilia a criança a descobrir diferentes palavras que podem ser construídas com a mesma sílaba inicial.



Jogo dos gatinhos

Trabalha a relação entre cores e números, classificação e ordenação.



Jogo Olhar atento

O jogo tem por objetivo proporcionar momentos de atenção, identificação e percepção, fazendo com que a criança estabeleça relação entre a figura que está em fundo preto, identificando o animal da silhueta com o animal do tabuleiro em tamanho menor.



Jogo disco das cores

Neste jogo a criança deverá selecionar os objetos por classificação de cores, indicando o local correto para separá-los. Trabalha a seleção, classificação e nomeação de cores.



Tubo silábico

O tubo silábico proporciona o reconhecimento das partes (sílabas) que formam as palavras. A criança escolhe a figura e encontra as sílabas que montam o seu nome correspondente.



Máquina de somar

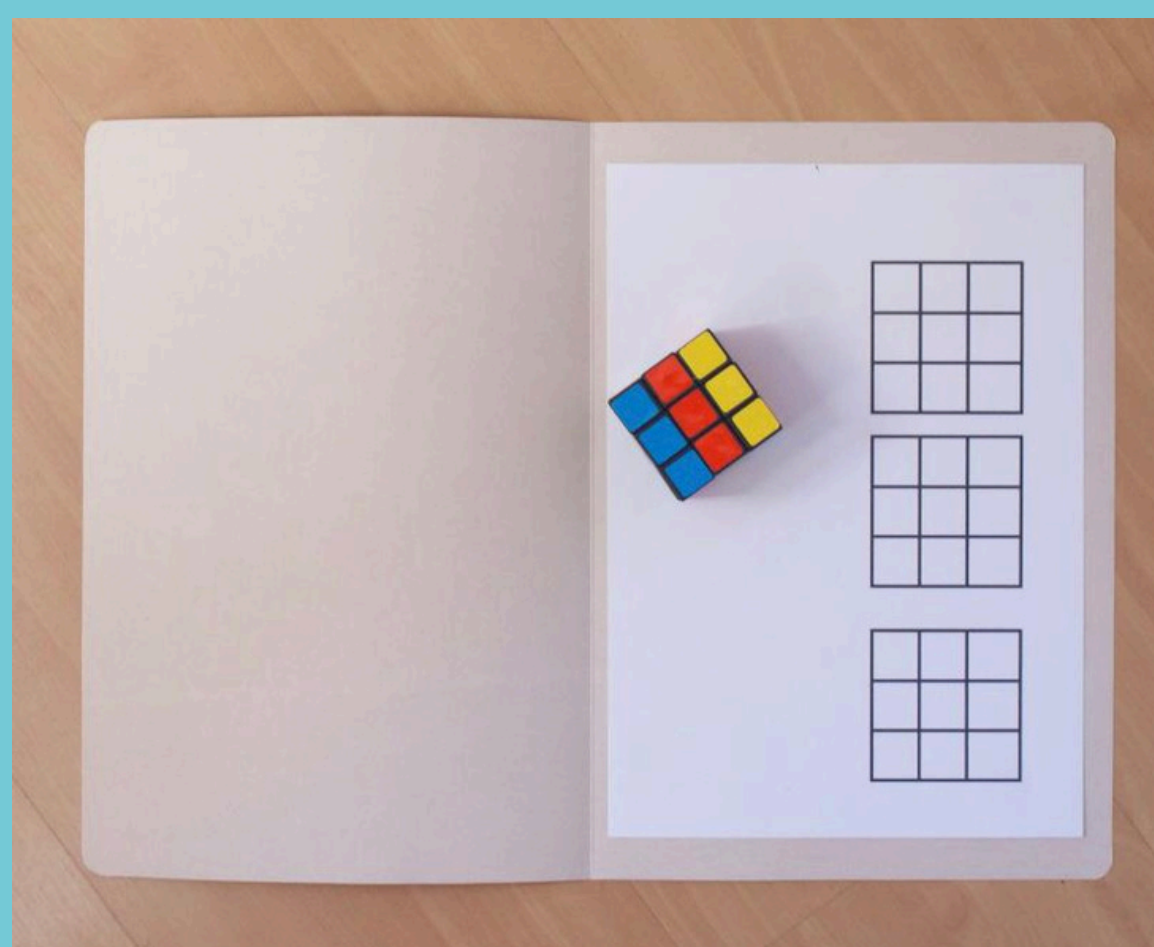
Com a máquina de somar o aluno é convidado a realizar a relação de quantidades de bolinhas de acordo com a operação solicitada.

Aprende a ordem dos números (valor posicional) unidade e dezena de forma lúdica.



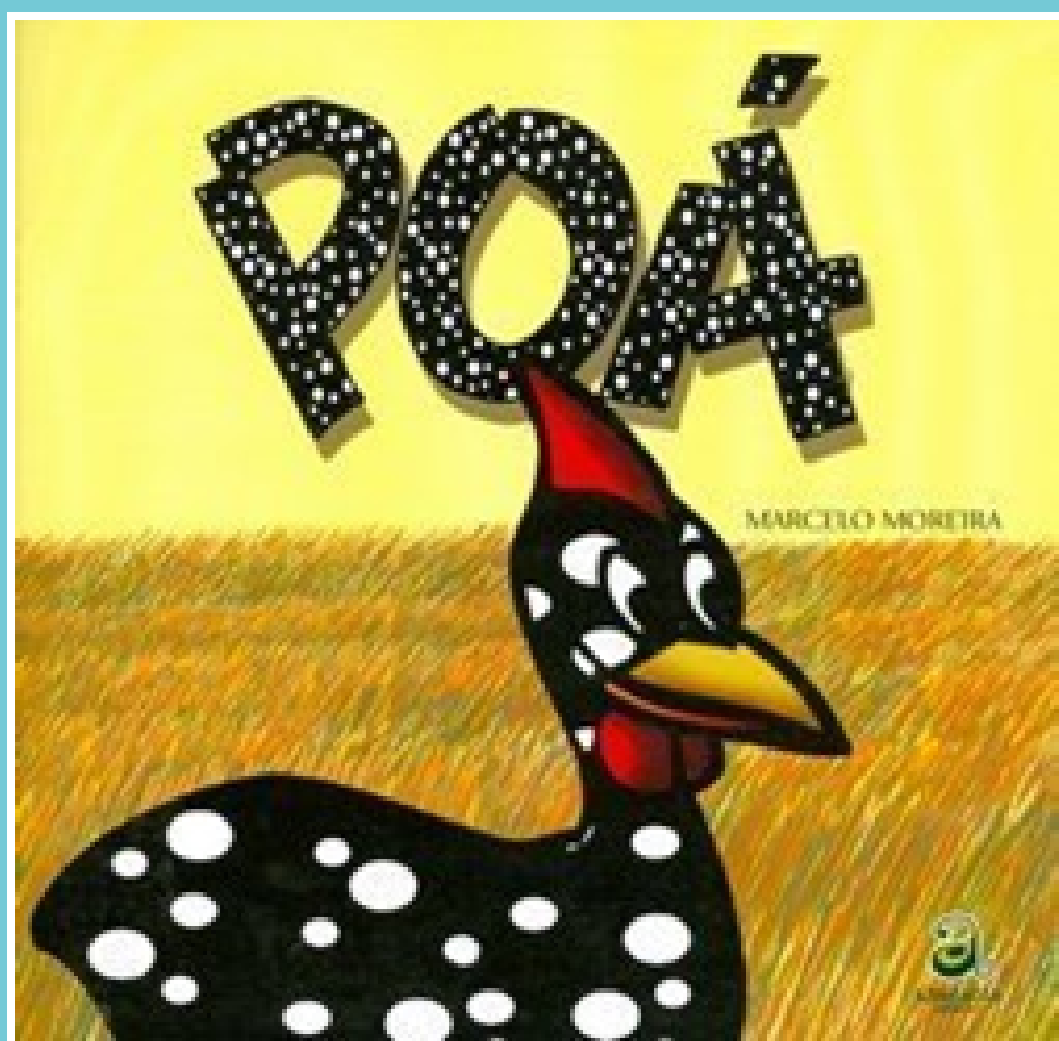
Cubo mágico

A variação das cores na montagem do cubo será o desafio para a atenção da criança. Nesta atividade ela precisará observar a sequência que terá que repetir utilizando o lápis de cor. Trabalha a atenção, coordenação motora e cores.



Algumas indicações de livros literários para trabalhar a temática da inclusão com os alunos.

Poá, Marcelo Moreira



O texto visual conta a história de uma galinha-d'angola, a Poá, que mora no campo e passa a ver as suas colegas de um modo estranho. Ela as percebe com pintas e fica estarecida com o que vê. Então, tem uma ideia e bruscamente sai de cena, voltando com um par de óculos. A partir daí, visualiza as colegas galinhas com nitidez e indizível felicidade.

O livro negro das cores, Menena Cottin e Rosana Faria

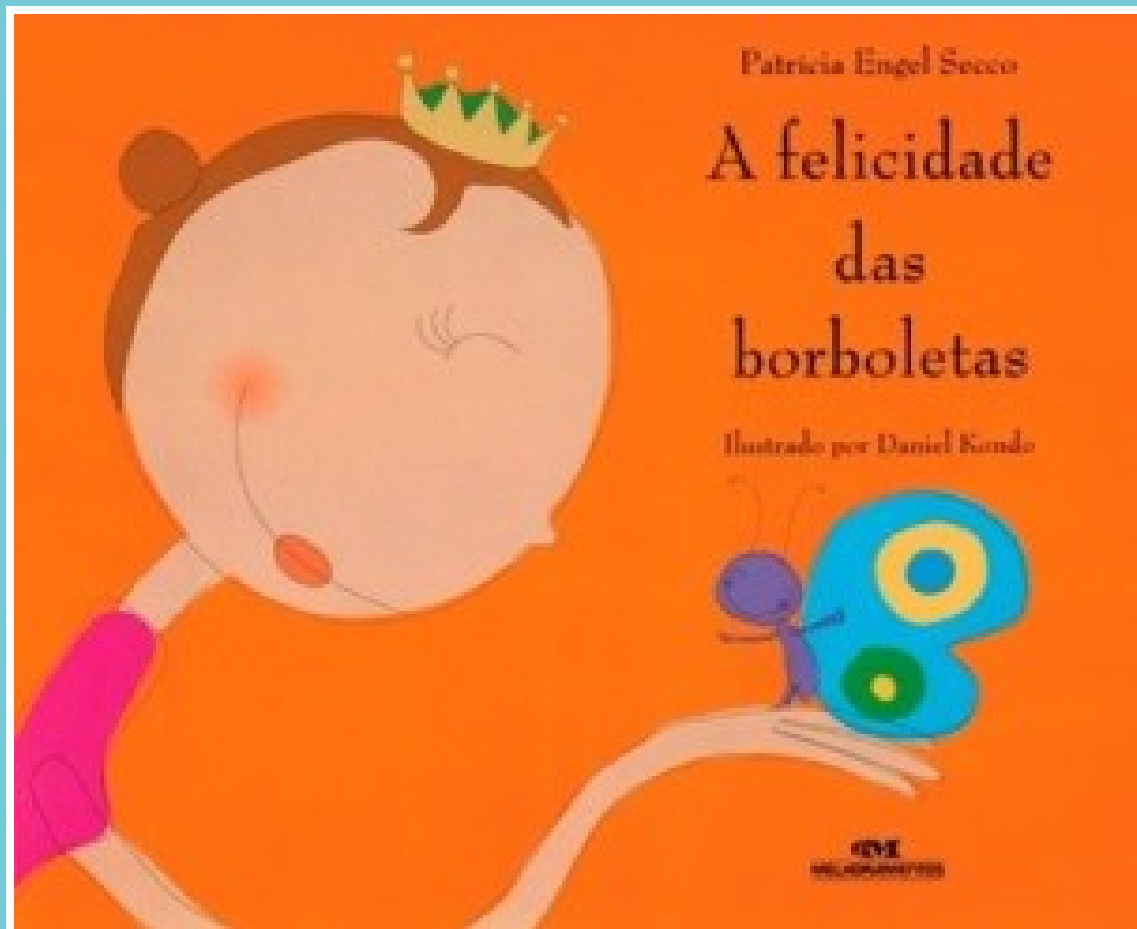


A obra é uma experiência de leitura que explora os sentidos. Por meio de uma história, em que o personagem principal Tomás é o guia, o leitor é levado a conhecer o mundo através dos cheiros, sabores e sons.

O texto, com a tradução em Braille e com imagens sugeridas, convida o leitor a tocá-las e a perceber esse universo.

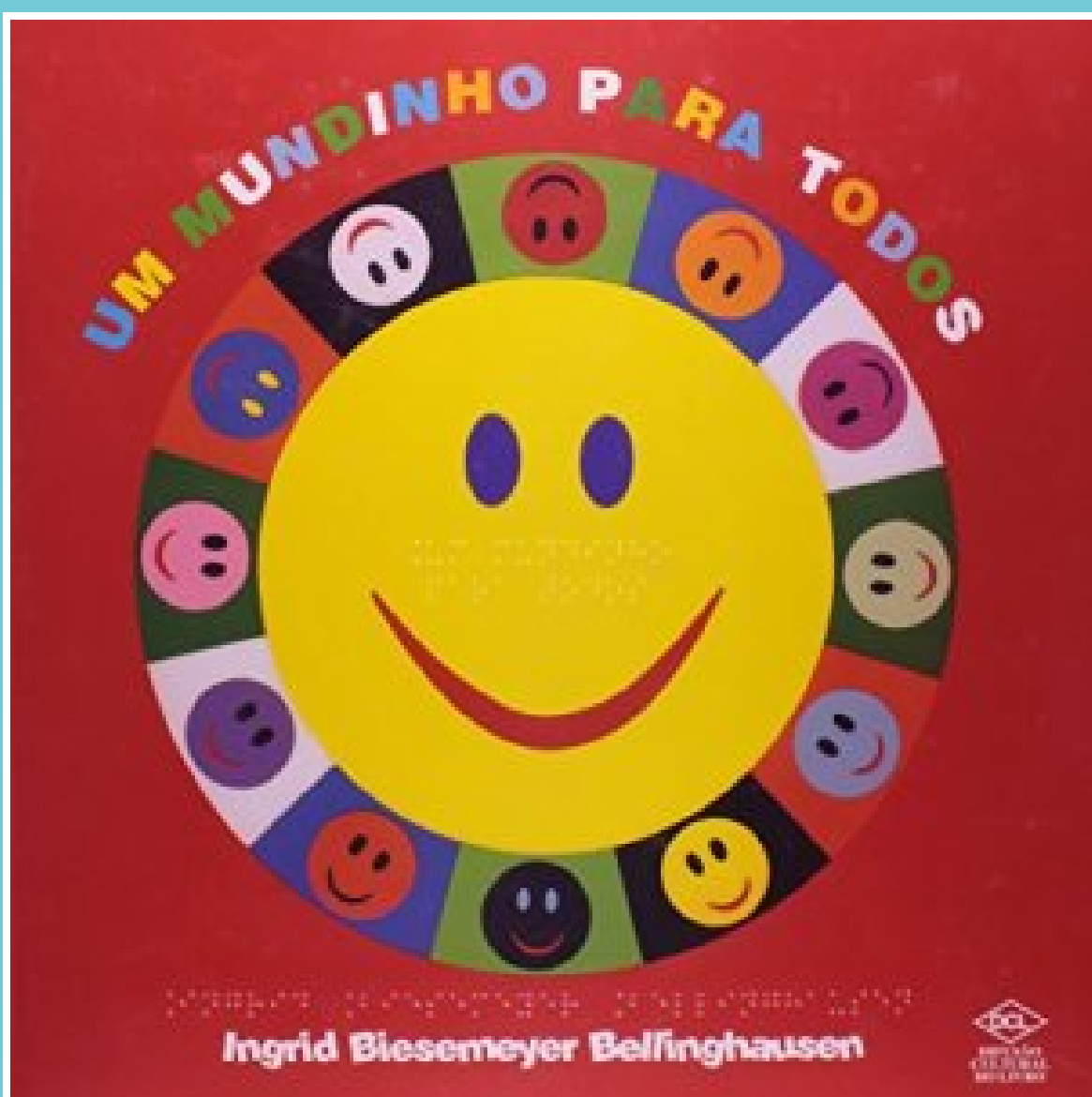
Ilustrações em relevo tem objetivo de fazer o leitor experimentar várias texturas e também de o desafiar a recriar as cores, a pensar no cheiro, no som ou no sabor que cada uma delas pode ter.

A felicidade das borboletas, Patrícia Secco



Marcela é uma garota especial. Ela tem nove anos de idade e vai se apresentar como bailarina pela primeira vez. Está ansiosa, mas se sente segura, pois, mesmo sem enxergar, conseguiu desenvolver várias habilidades, como dançar, andar de bicicleta, nadar. Graças ao carinho e à atenção de todos, sente-se aceita e autoconfiante.

Um mundinho para todos, Ingrid Biesemeyer Bellinghausen



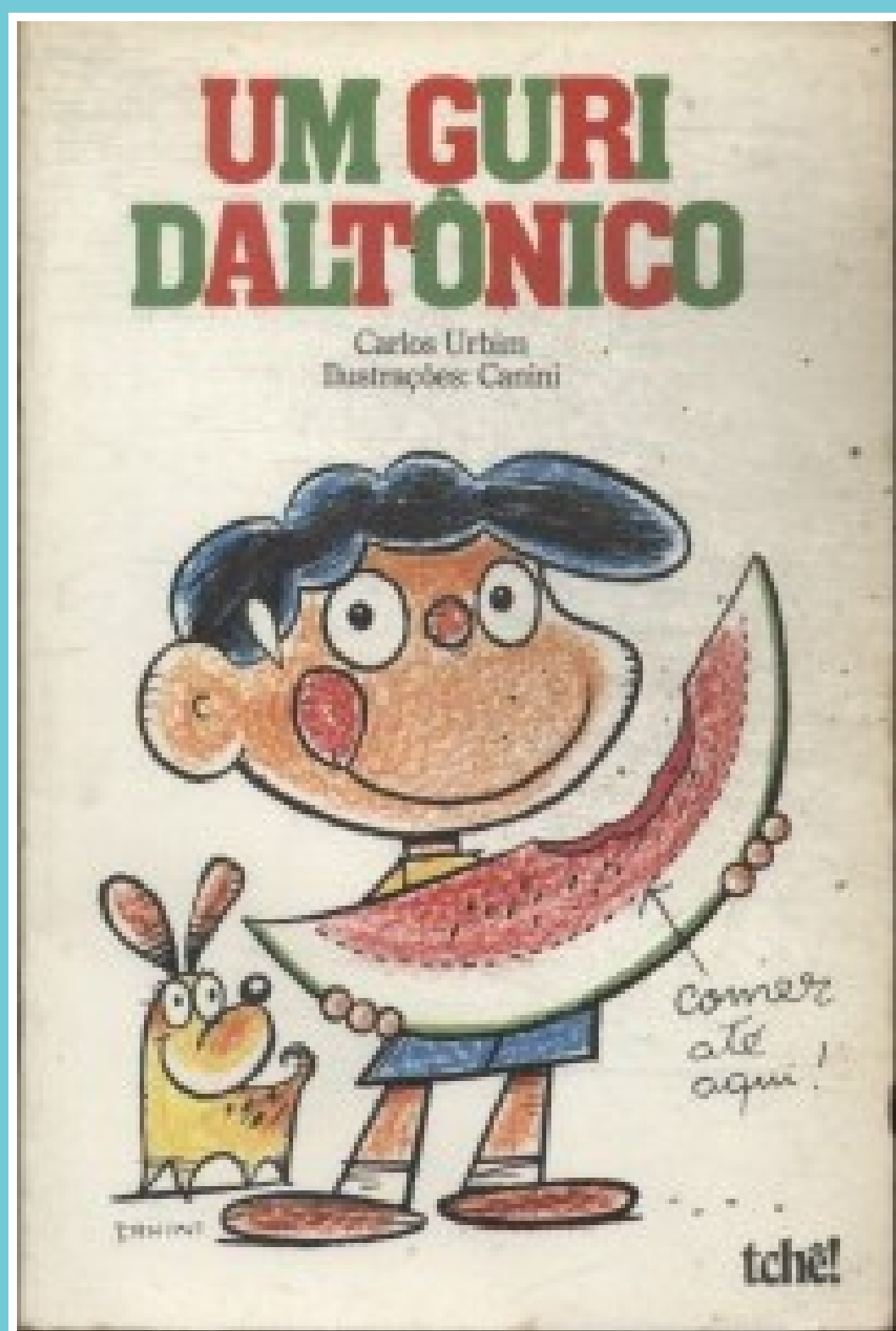
Era uma vez um mundinho em que cada habitante tinha um jeito de ser bem diferente do outro – uns viviam no norte e gostavam de andar descalços; outros no sul e adoravam tomar chocolate quente; alguns não enxergavam muito bem e precisavam de ajuda. E cada um deles tinha sua forma de agradecer por viver num lugar tão feliz. Com texto impresso em Braille, esta obra é, também, destinada a leitores com visão subnormal e deficientes visuais.

Tudo bem ser diferente, tradução de Marcelo Bueno



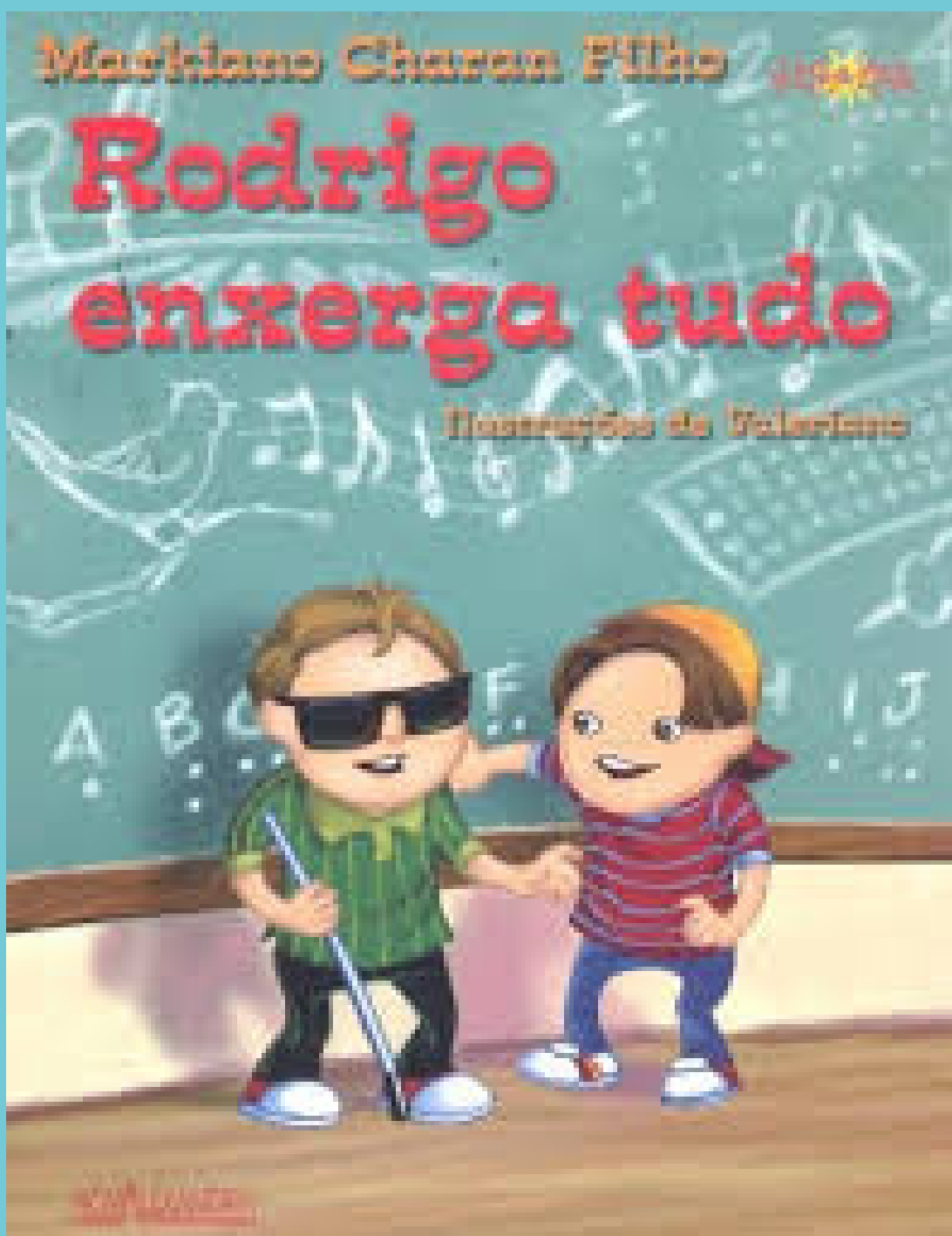
Tudo bem ser diferente trabalha com as diferenças de cada um de maneira divertida, simples e completa, alcançando o universo infantil e abordando assuntos que deixam os adultos de cabelos em pé, como adoção, separação de pais, deficiência física, preconceito racial, entre outros.

Um Guri Daltônico, Carlos Urbim



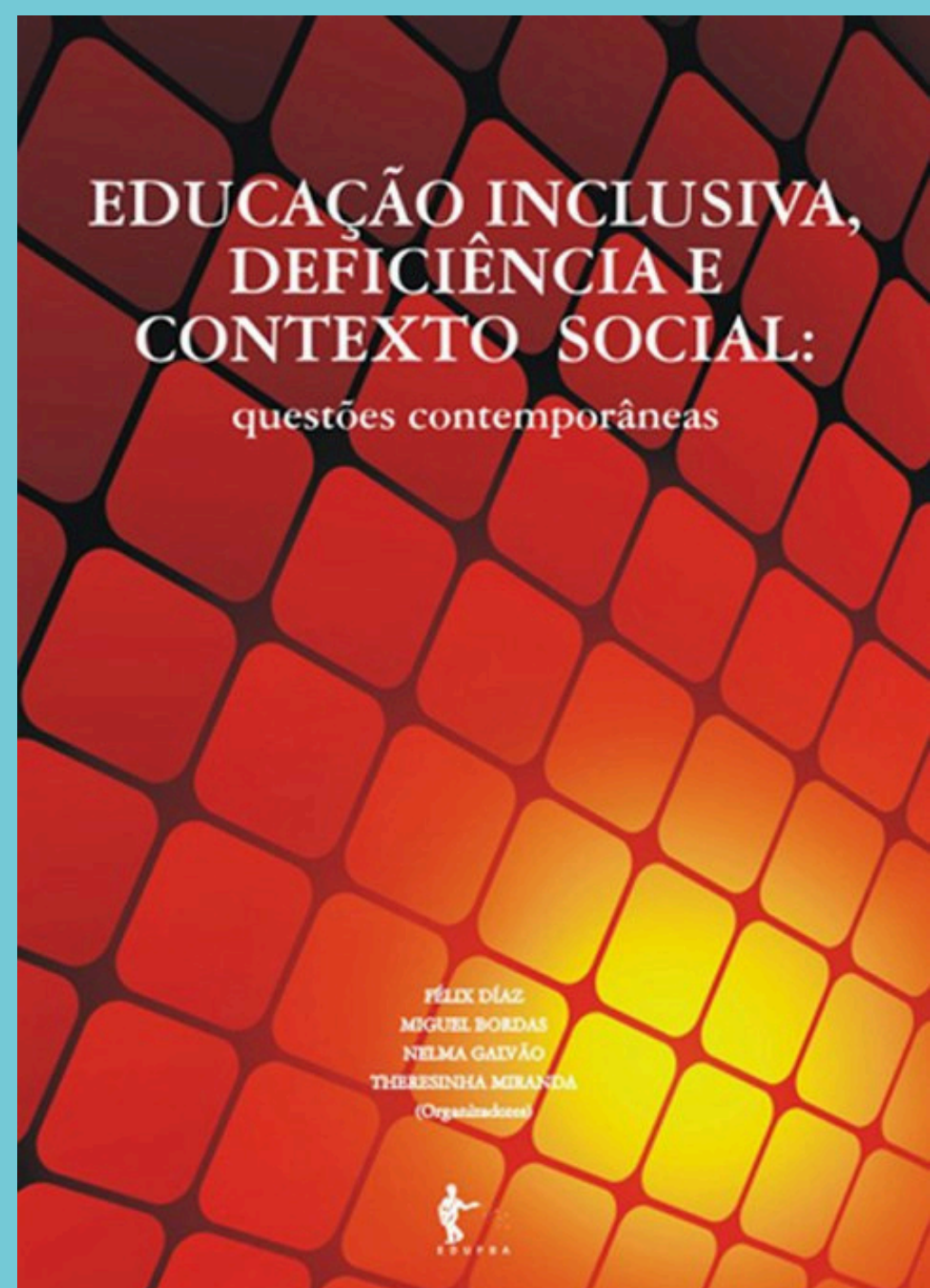
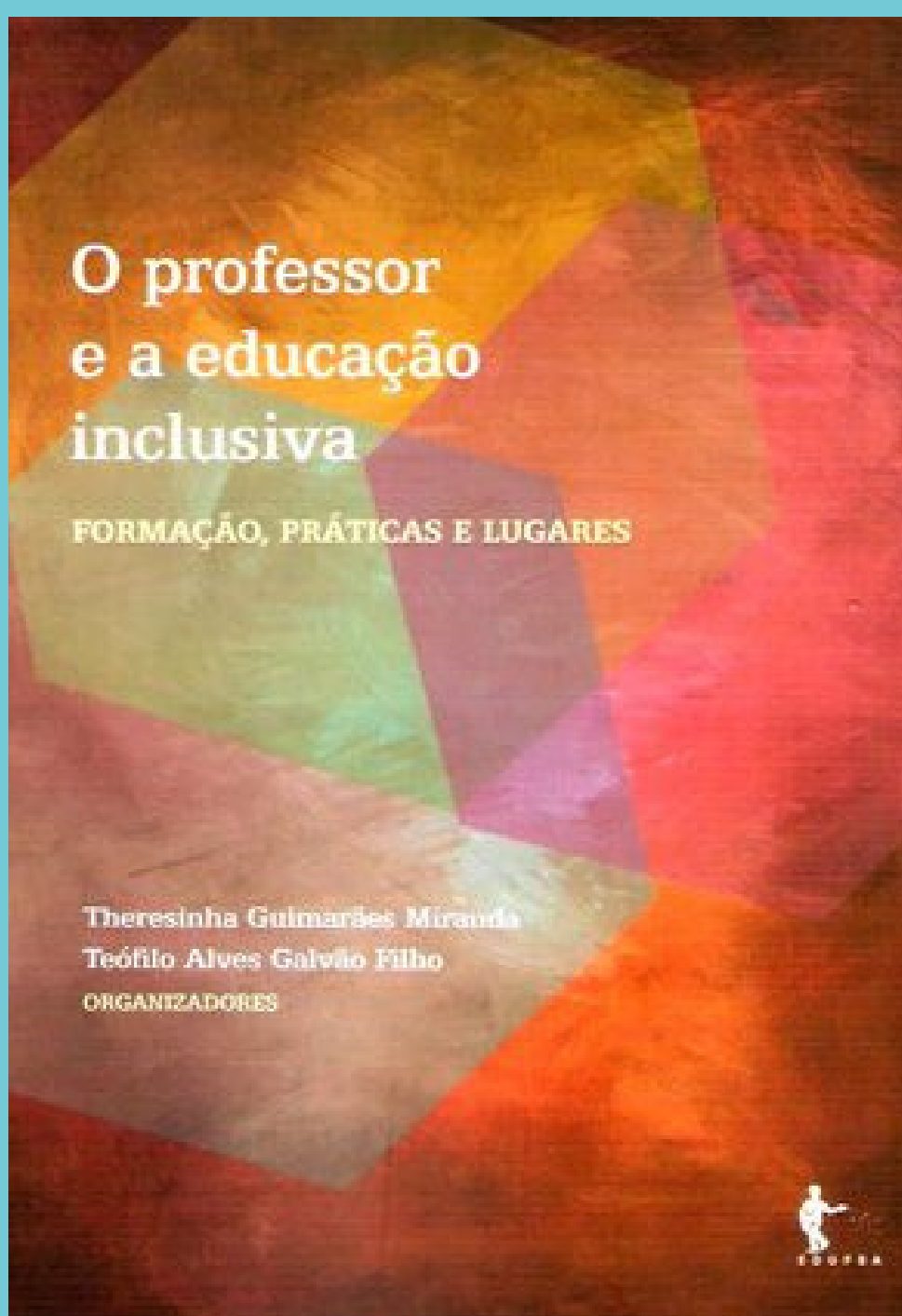
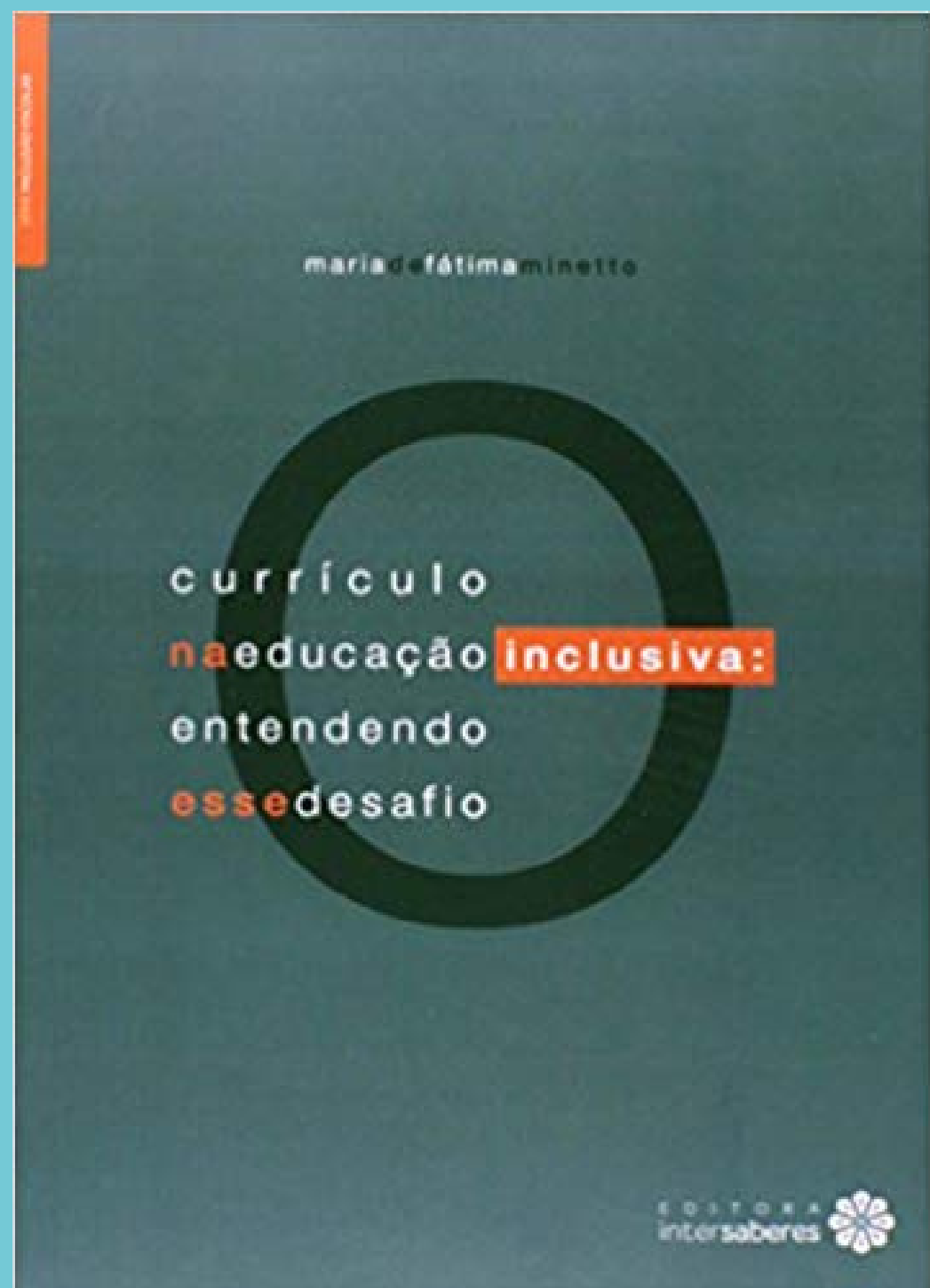
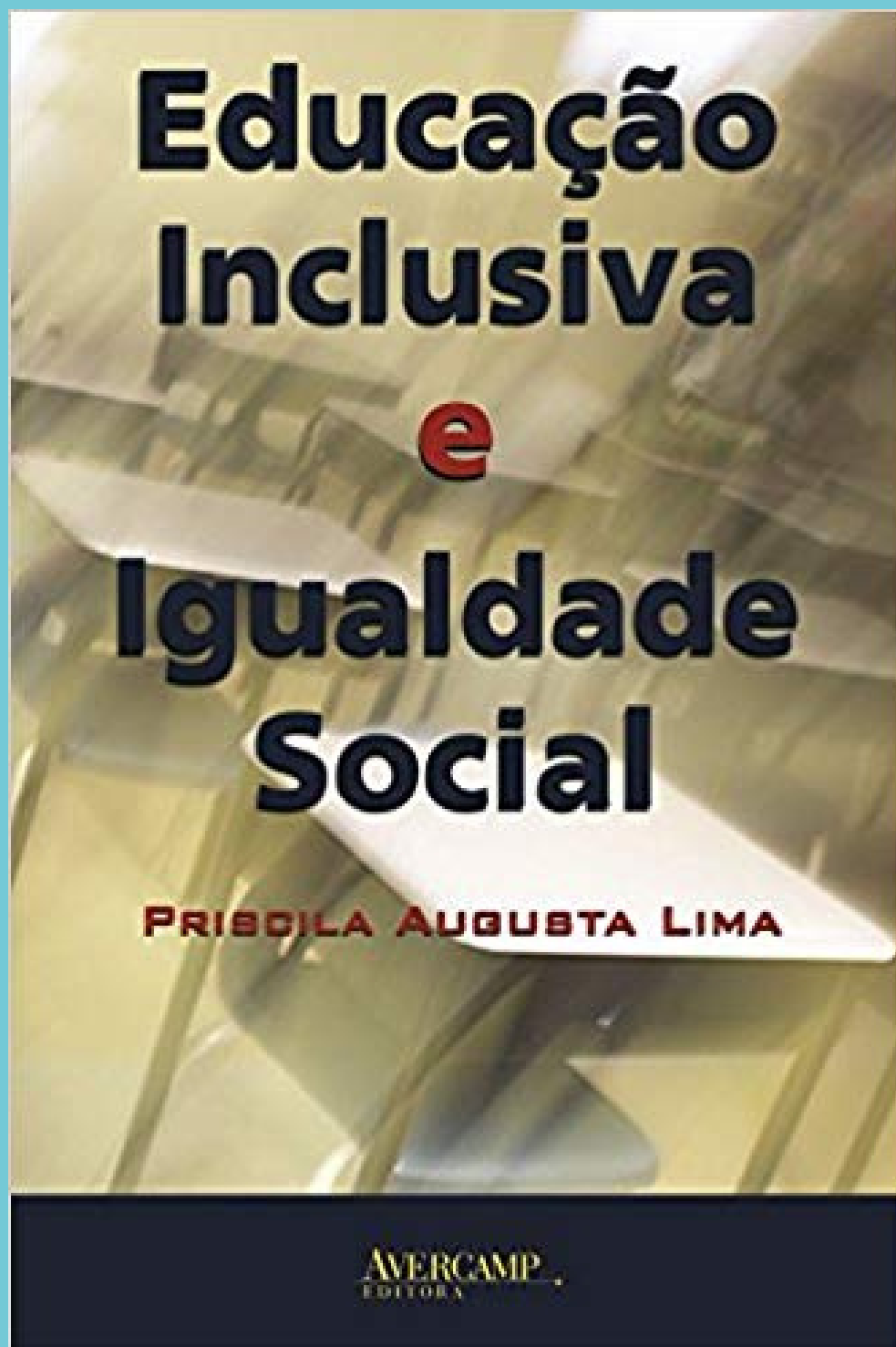
Quase todo mundo consegue diferenciar verde de vermelho, mas Dadau não consegue. Quando o jogo é time verde contra time vermelho, ele passa a bola para o jogador errado. Sempre morde a parte branca e sem gosto da melancia, compra linha laranja no lugar da azul e acha complicado entender o semáforo. Dadau é um guri daltônico, mas como qualquer menino da sua idade, quer brincar, jogar bola e ajudar sua mãe nas compras. Ainda bem que ele é esperto e tem muitas ideias criativas para adaptar seus olhos a um mundo cheio de cores.

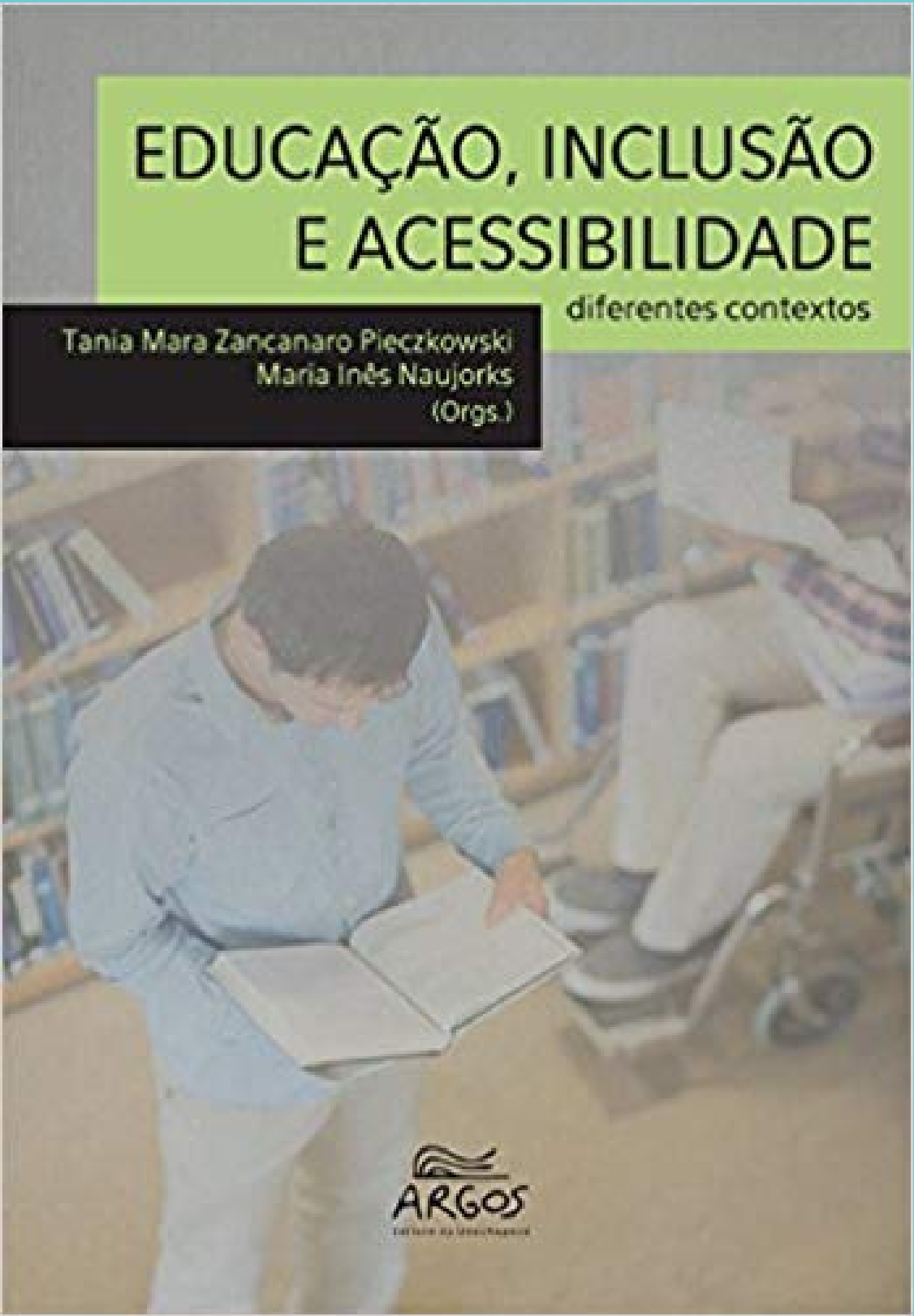
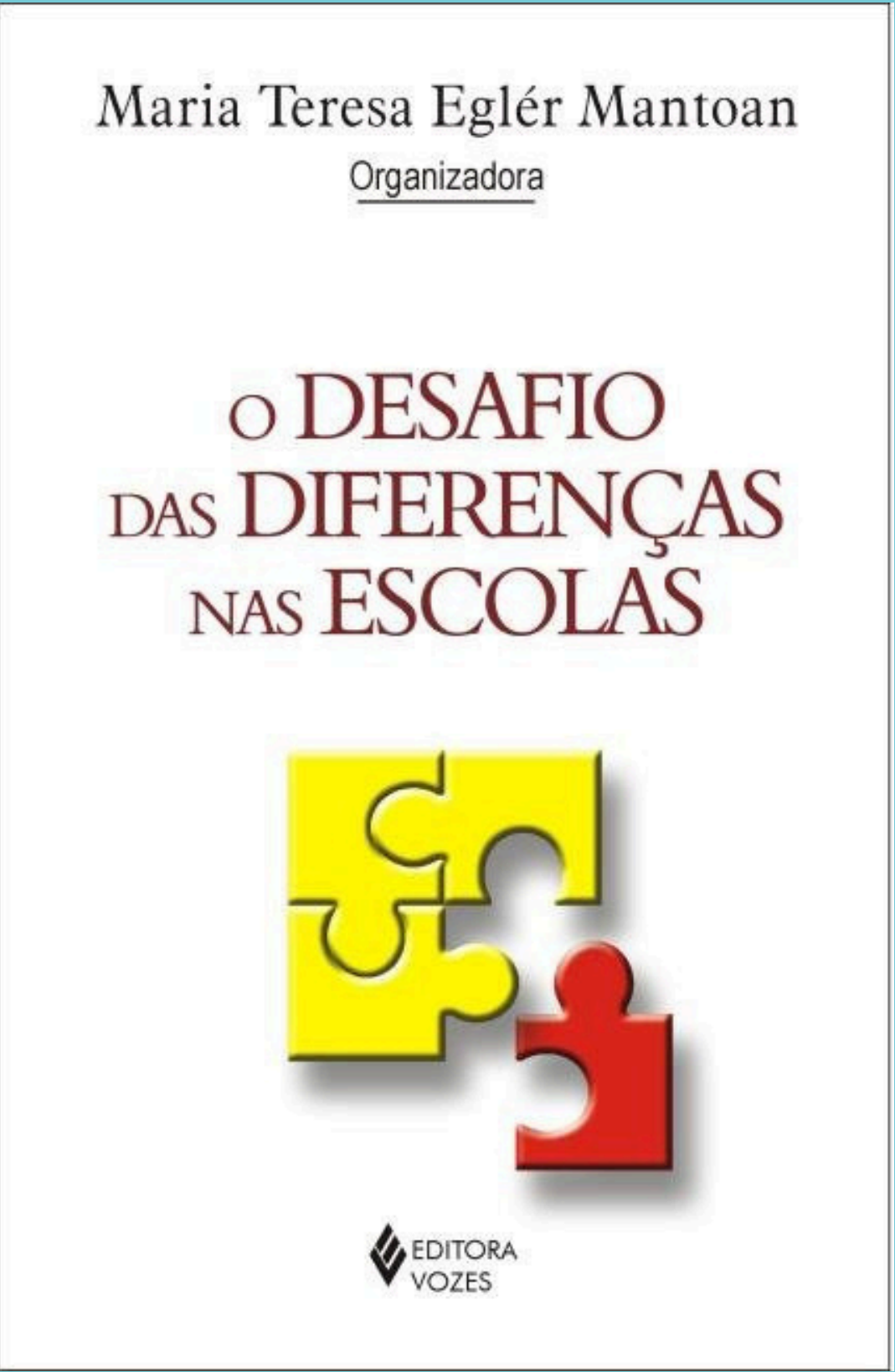
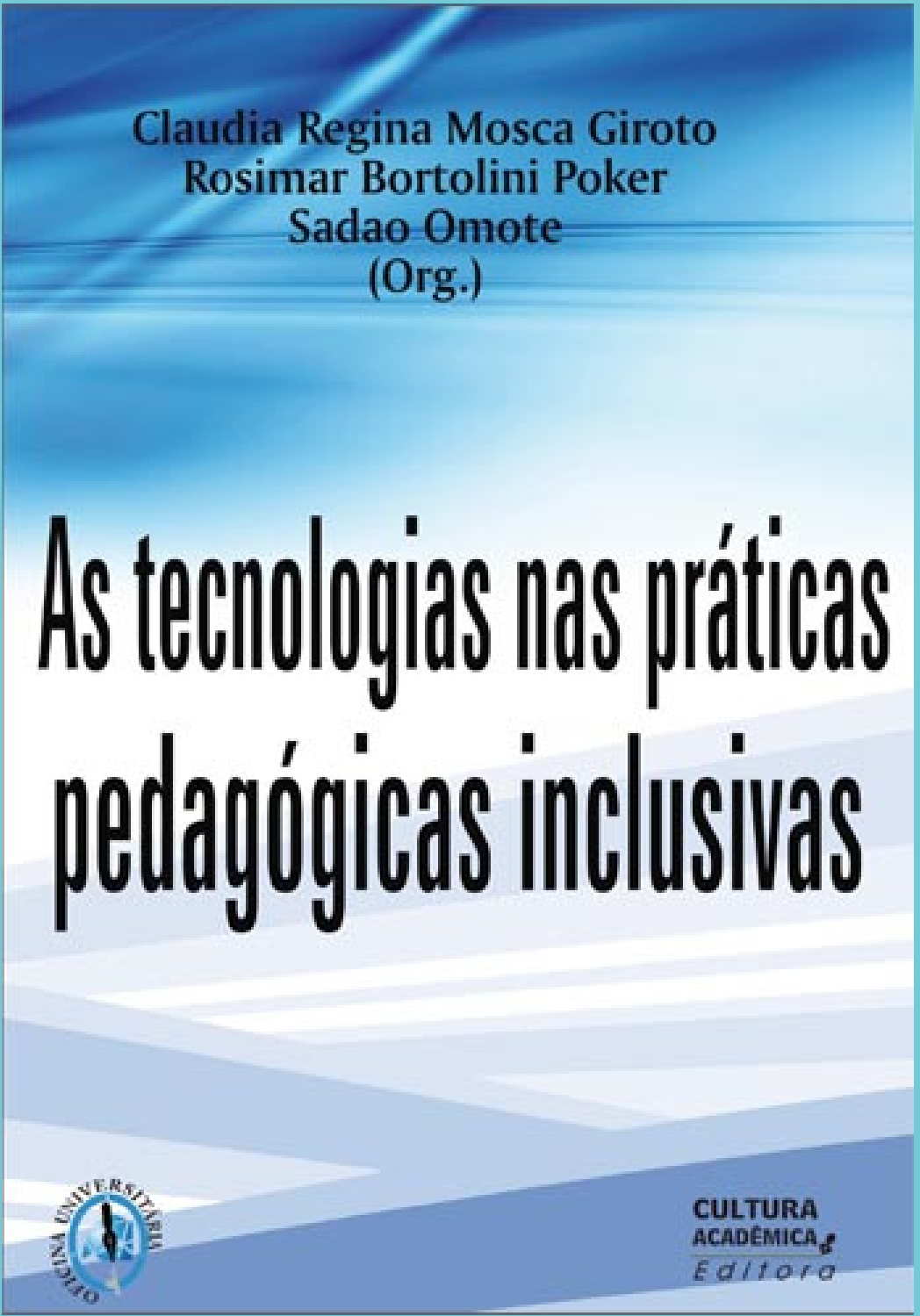
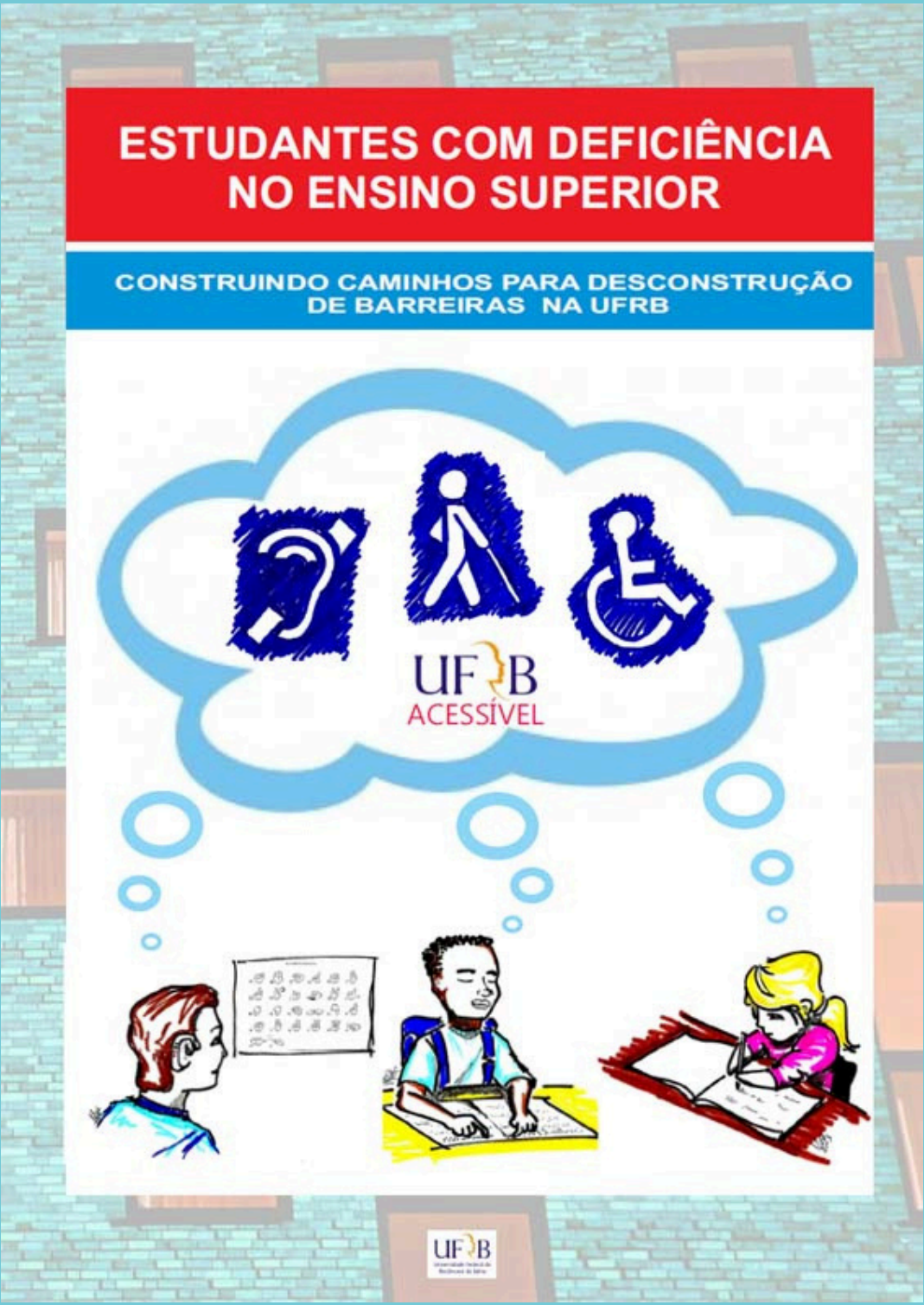
Rodrigo Enxerga Tudo, Markiano Charan Filho



Rodrigo não enxerga desde bebê, mas cresceu empinando pipa e brincando de carrinho de rolimã. Agora, na nova escola, ele tem um grande amigo, o André, o primeiro a perceber que ele também podia ver as coisas do mundo, mas de formas diferentes. Divertido e questionador, o livro apresenta para crianças o tema da inclusão social e escolar.

Para aprofundar o tema





Referências

BOSA, Cleonice A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2006; 28(Supl I): S47-53

BLANCO, R. A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. A.(org). Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Secretaria de Educação Especial – MEC/SEESP, 2001.

EFFGEN. Ariadna Pereira Siqueira. Educação Especial e Currículo Escolar: possibilidades nas práticas pedagógicas cotidianas. Dissertação de Mestrado – UFES – 2011.

FÁVERO. Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luísa de Marillac P.; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Aspectos legais e orientação pedagógica – São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

MONTEIRO, Ana Paula Húngaro; MANZINI, Eduardo José. Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe. Revista Brasileira de Educação Especial. Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial – ABPEE, v. 14, n. 1, p. 35-52, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/30112>>. Acesso em 30 mar 2019.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia G.; Desenho Universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. Educação Unisinos – 22 (2): 147-155, abr-jun 2018.